



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

Lorena Oliveira Soares

**O QUE FAZER NA GRAMA: RESTRIÇÕES DO BRINCAR NO
DISTRITO FEDERAL (1960-1980)**

BRASÍLIA
2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

Lorena Oliveira Soares

**O QUE FAZER NA GRAMA: RESTRIÇÕES DO BRINCAR NO
DISTRITO FEDERAL (1960-1980)**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito final e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

BRASÍLIA

2021

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

OL868q Oliveira Soares, Lorena
O que fazer na grama: restrições do brincar no Distrito
Federal (1960-1980) / Lorena Oliveira Soares; orientador
Etienne Baldez Louzada Barbosa . -- Brasília, 2021.
65 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2021.

1. Infâncias e cidades: uma relação necessária . 2.
Infância em Brasília: no Plano e fora dele, o brincar em
foco. I. Baldez Louzada Barbosa , Etienne, orient. II.
Titulo.

**O QUE FAZER NA GRAMA: RESTRIÇÕES DO BRINCAR NO DF
(1960-1980)**

Trabalho Final de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade de Brasília, como requisito final e insubstituível para a obtenção do título de Pedagoga, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa

Aprovado em:

Prof.^a. Dra. Etienne Baldez Louzada Barbosa – FE/UnB
Orientadora

Prof.^a Dra. Franciele Ferreira França - USP
Examinadora

Prof.^o Patrick Antunes Menezes - MTC/FE
Examinador

Prof.^o Dr. Juarez José Tuchinski dos Anjos – TEF/FE
Suplente

Dedico este trabalho a todos os que me ajudaram ao longo desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho de conclusão de curso teve o apoio de diversas pessoas especiais para a minha vida, principalmente a todos que estão descritos abaixo:

Primeiramente à Deus, que esteve ao meu lado em todos os momentos difíceis e que me mostrou caminhos para seguir.

Minha família, minha mãe e minha irmã, Etiene Aparecida e Luana Oliveira, que por muitas vezes nas horas de produção estiveram do meu lado dando forças para continuar. A minha tia Érica que acreditou na minha capacidade. Em especial aos meus avós, Walkiria Oliveira e Jorge Augusto, que por diversas vezes me apoiaram possibilitando caminhos para que eu pudesse ter uma boa formação.

Aqui, também agradeço ao meu companheiro, Romerson Oliveira, que aguentou em múltiplas horas os meus choros e desesperos em cumprir as datas previstas, além de todo o apoio e companheirismo.

A todos os meus amigos que estiveram ao meu redor, me ouvindo ou até mesmo lendo minhas produções.

Sem deixar de citar, a minha psicóloga Nathalia que, por muitas vezes, entendeu meu choro e conseguiu fazer eu acreditar em mim mesma, porém respeitando o meu tempo.

E por último, porém não menos importante, a minha orientadora Professora Doutora Etienne Baldez, que me auxiliou por todo esse processo cansativo e de muito aprendizado. Tendo muita paciência e compreensão.

Por fim, a todos aqueles que estiveram ao meu lado e conseguiram prestigiar toda essa evolução pela graduação.

RESUMO

O QUE FAZER NA GRAMA: RESTRIÇÕES DO BRINCAR NO DISTRITO FEDERAL (1960-1970)

Este trabalho tem como objetivo principal identificar os espaços do brincar utilizados pelas crianças em Brasília, que aparecem nas páginas do jornal *Correio Braziliense*, nas décadas de 1960 a 1980. Ao percorrer as notícias em busca do brincar, percebe-se que a palavra era utilizada na relação com outras ações que não interligadas à infância ou às crianças, muitas vezes em sentido pejorativo. Os políticos brincavam com a população, os jogadores de determinado time de futebol brincavam em campo, enfim, quando se tratava do brincar das crianças na cidade, as manifestações não eram só de alegria, uma vez que tal ação poderia acarretar em tragédias, dependendo do local em que a criança brincasse. Por ser uma cidade planejada, Brasília surge com espaços pensados para a ocupação infantil, como os parques, praças, playgrounds. Contudo, existe uma exclusão do brincar na cidade. A criança que não mora no Plano Piloto tem os mesmos acessos? Mesmo as crianças do Plano Piloto, quando são mencionadas nesses espaços, como são representadas? Existem objetos/brinquedos que caracterizam e reforçam uma característica brincante dos pequenos na cidade? São questões como essas que nortearam as buscas realizadas e a construção da presente narrativa histórica. O diálogo com estudos que têm se voltado para a relação das crianças com as cidades, ainda que utilizando um recorte cronológico recente, permitiram aqui compreender as conexões possíveis a partir das pistas da participação infantil deixadas no jornal. Uma dessas pistas nos apresenta uma Assembleia Infantil organizada por crianças da Superquadra 108 Sul, que pedia playgrounds, praças e quadras para brincarem. Tal ação, ainda que pontualmente registrada, indica que não somente os adultos estavam cientes dos espaços necessários para o convívio urbano, mas que as crianças já se articulavam diante de suas demandas. E que, entre as suas demandas, a que se destacou foi o espaço para o brincar.

Palavras-chave: Espaços do brincar. Crianças. Distrito Federal.

ABSTRACT

WHAT TO DO ON THE GRASS: RESTRICTION OF PLAYING IN FEDERAL DISTRICT (1960-1980)

The main objective of this work is to identify the spaces for playing used by children in Brasília, which appear on the pages of the *Correio Braziliense* newspaper, from the 1960s to the 1980s. In relation to other actions that are not linked to childhood or children, often in a pejorative sense. Politicians played with the population, players of a certain football team played on the field, in short, when it came to children's games in the city, the demonstrations were not just for joy, since such action could lead to tragedies, depending on the place where the child played. As a planned city, Brasília comes up with spaces designed for children's occupation, such as park, squares, playgrounds. However, there is an exclusion of playing the city. Does the child who does not live in the Plano Piloto have the same accesses? Even the children of the Plano Piloto, when they are mentioned in these spaces, how are they represented? Are there objects/toys that characterize and reinforce a play characteristic of the little ones in the city? These are questions that guided the searches carried out and the construction of this historical narrative. Dialogue with studies that have focused on the relationships between children and cities, although using a recent chronological approach, allowed us to understand the possible connections here based on the clues of child participation left in the newspaper. One of these clues presents us with a Children's Assembly organized by children from Superquadra 108 Sul, which asked for playgrounds, squares and courts to play. Such action, even though punctually registered, indicates that not only adults were aware of the spaces needed for urban living, but that children were already articulated in face of their demands. And that, among its demands, the one that stood out was the space for playing.

Keywords: play spaces, kids, Federal District.

LISTA DE SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BDM	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
HDB – BN	Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Brasília representada como patrimônio cultural da humanidade.....	22
Figura 2: Desenho infantil	29
Figura 3: Lâminas de barbear para ferir crianças (1965)	48
Figura 4: SQS 404 pede urbanização (1973).....	52
Figura 5: Criança morre quando tomava banho no poço	53
Figura 6: Crianças Pedem Locais para Brincar a Wadjó (1967).....	56
Figura 7: Meninos enfrentam as valas com os “skates” (1976).....	57

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Publicações científicas encontradas na SCIELO	23
Tabela 2: Publicações científicas encontradas na CAPES	25

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 INFÂNCIAS E CIDADES: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA	29
1.1. Entender a cidade por meio da compreensão da criança.....	34
1.2. Entender a cidade por meio daquilo que nela é proposto como espaço para as crianças.	38
1.3. Entender os espaços específicos para brincadeira.....	40
2 INFÂNCIA EM BRASÍLIA: NO PLANO E FORA DELE, O BRINCAR EM FOCO	42
2.1. As artes de fazer uma pesquisa no jornal: a organização em busca do brincar 44	
2.2. A cidade e seus espaços relacionados às crianças.....	46
2.3. Entre pedidos e notícias, as crianças e suas brincadeiras pela cidade	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	62

MEMORIAL

Me chamo Lorena Oliveira Soares, membro de uma família pequena, de uma mistura paraense com carioca. Fui filha, neta, sobrinha e criança única por muitos anos na minha casa, sendo assim, com grandes expectativas e esperanças sobre o caminho e futuro que a minha vida poderia tomar. Por esses motivos, minha infância foi muito resguardada e de muita proteção, com brincadeiras caseiras sob o olhar dos meus familiares. Infância que pude aprender como brincar e me divertir sozinha, com o auxílio de brinquedos, jogos e outros recursos que eram apresentados para mim.

A partir do meu crescimento, sempre escutei sobre a trajetória que minha mãe e minha tia estavam seguindo na época, uma cursando Medicina e outra Arquitetura, as duas na Universidade de Brasília. Conseqüentemente, carreguei o peso de ingressar na mesma Universidade por muitos anos. Nesse período, conversas enriquecedoras e incentivadoras rechearam meu ouvido, por um longo prazo.

Em vista disso, a maior preocupação que rondava a minha família seria a minha educação, a começar pelos anos iniciais, com uma escola que explorasse a total capacidade do meu progresso, de acordo com cada faixa etária. Tenho em memória sobre a primeira instituição, a preocupação que a mesma tinha a respeito do brincar de cada criança, vivências e até mesmo utensílios que eram utilizados para proporcionar momentos. Passando por essa fase, fui remanejada para uma escola que fosse um pouco maior e que tivesse uma responsabilidade com conteúdos básicos para a fundamentação de conteúdos mais complexos.

Aproveitando os momentos que pude vivenciar, chegou o tão esperado ensino médio, onde me encontrei em uma situação um pouco complicada, pois, mesmo com a bagagem rica que tinha dos anos atrás, estava em um cenário de grandes escolhas, principalmente as voltadas ao meu futuro. No primeiro momento, procurei me dedicar para encarar qualquer curso, já que em toda altura, minha meta seria ingressar na Universidade através do PAS.

Percorrendo por aquele primeiro ano, escolhi prestar prova para integrar no curso de Medicina. Volto às minhas memórias sobre a minha dedicação e o foco para a realização daquele grande sonho. Acabei enfrentando várias condições de rotina de vida, muita das vezes bem pesada e com grandes dificuldades, pois naquele momento não participava somente das atividades escolares, mas também de atividades em cursinhos.

Os anos foram passando, novos conhecimentos foram agregados sobre a “colcha” que estava construindo. Mesmo decidida acerca do meu futuro, fiz questão de participar de atividades relacionadas a escolha profissional, como: feiras de profissão, dinâmicas sob a orientação de uma psicóloga e, ao final, um teste vocacional, realizado do meio para o final do terceiro ano. Foi nesse instante que a angústia se alastrou sobre a minha vida nesse determinado período.

Ao receber o resultado do meu teste, o campo de saúde não estava sendo apresentado. Nessa ocasião me senti sem chão e sem compreender quais seriam os meus próximos passos, mesmo sabendo que não precisaria seguir o que estaria escrito no documento. Apesar disso, isso não poderia bloquear minha caminhada. Então, procurei ajuda profissional para que fosse solucionado, já que estava cada vez mais perto do fim desse processo.

Com o auxílio e participação ativa sobre esse tema, no dia da minha colação consegui aceitar sobre qual caminho iria seguir. Minha dedicação e futuro seria voltado para educação, no caso, Pedagogia. Nesse primeiro instante, acreditei que seria uma estrada magnífica e de muita responsabilidade, igualmente a cursos voltados para a saúde, além de apresentar grandes desafios e obstáculos que trariam força e disciplina para ser uma grande profissional da área.

Como esperado, logo após terminar a educação básica fui convocada para fazer minha matrícula na Universidade de Brasília no curso de Pedagogia, como estaria escrito nos meus planos. Ao chegar nessa Universidade, tive um sentimento de gratidão e de conseguir alcançar mais uma meta que tanto

planejei e esperei. Sucedendo todas aquelas burocracias de inscrição de matrícula e respeitando todos os prazos, finalmente, principiou o primeiro dia de graduação, com algumas turbulências, como: falta de luz, celular sem bateria, sem conhecer ninguém e sem saber voltar para casa. Apesar disso, em grau nenhum isso estivesse tirando o meu foco e meu empenho sobre aquele momento.

Já anexada ao curso, comecei a arquitetar a minha longa jornada. Na altura em que estava, optei em aventurar quanto às possibilidades que o curso oferecia, para aprimorar na qual eu mais estivesse interessado. Tive o prazer de conhecer e vivenciar algumas delas por toda a graduação, especificamente uma pedagogia voltada para a tecnologia (plataforma de jogos educativos) com a criação de conteúdo; presença em sala de aula nas etapas de educação infantil e ensino fundamental; e, por fim, na área de dificuldades e transtornos de aprendizagem com atendimentos individuais e personalizados.

Similarmente a vivência no mercado de trabalho, escolhi avançar em ramos acadêmicos, em razão de ser aluna regular de uma Universidade renomada no campo de pesquisa e afins. Estreie em projetos de pesquisa junto com a professora Etienne Baldez, com o intuito de analisar documentos passados voltados para a história da infância, averiguando bancos de dados digitais. Posteriormente aos vários encontros e discussões, foi definido o meu tema de pesquisa para seguir em dois semestres de projetos: O brincar no Correio Braziliense nos anos de 1960 - 1969.

Ao prazo final, com todo esse acervo em minhas mãos, foram apresentados alguns aspectos principalmente voltados para o espaço geográfico para realização do brincar da criança naquela época. Já que Brasília passava por um período de urbanização e desenvolvimento da mesma, por ser uma cidade nova e de poucos habitantes. A partir dessas evidências, conseguimos concluir que a população infantil estava se apropriando do local de brincar, percorrendo por situações perigosas e até mesmo precárias. Isso levou a uma

grande agitação por parte da comunidade de várias quadras, por colocar a vida dos pequenos em risco.

Levantando essas informações e agregando a outras conclusões e referências, nós avistamos um grande tema para o meu Trabalho de Final de Curso. Um tema inédito e que seria capaz de conversar com outros autores e trabalhos já realizados, guiados para a história do brincar junto ao espaço das crianças e à forma como os pequenos ocupam os espaços urbanos, sejam aqueles que para eles foram pensados ou não. Por conseguinte, preparamos a presente temática deste trabalho: “O que fazer na grama: restrições do brincar no DF (1960 – 1969)”.

Nesse instante, compreendi sobre a localização que estava pertencendo, o final da minha graduação. Com isso, precisei não somente me preparar intelectualmente, mas acredito que essa preparação necessitou do meu psicológico bem alinhado com todas aquelas ideias e informações que estava obtendo através dos meus estudos e pesquisas realizadas. Para transformar esse momento final, em uma circunstância prazerosa e de vitória, por finalizar mais um ciclo da minha vida.

Rememorando minha história junto a minha trajetória, associei minha escolha sobre o meu objeto de pesquisa a momentos da minha infância, por exemplo: diferenças das minhas puerícias para as da minha e da minha tia, espaços de brincar que já eram presentes na minha pequenez e a evolução dos espaços e das maneiras de brincar até os dias atuais, me questionando se os garotos contemporâneos carecem desses recintos para seu lazer.

Ao completar meu trabalho, espero ter conseguido contribuir com informações e conhecimentos, além curiosidades para a população de estudantes e docentes da Universidade de Brasília, em especial da Faculdade de Educação. Tendo consciência da transformação e da bagagem que consegue apoderar por meio desse longo trajeto.

INTRODUÇÃO

O espaço pode ser primordialmente dado, mas a organização, o uso e o significado do espaço são um produto da tradução, transformação e experiência social. (Edward Soja, 1980, p. 210)¹.

Essa monografia surge da pesquisa realizada ao longo do Projeto 3, vinculado ao projeto de pesquisa da professora orientadora Etienne Baldez, quando foi possível pesquisar sobre o brincar na década de 1960. Naquele momento o foco era para o levantamento de fontes, no caso, matérias no jornal *Correio Braziliense*, que se voltassem para a questão do brincar relacionada com crianças pequenas e instituições pré-escolares e creches. O estudo do ofício do historiador, naquele primeiro momento, ampliou a compreensão das dimensões que poderiam ser observadas a partir das fontes encontradas. Como sintetiza Juarez dos Anjos (2018):

Certamente, muito do próprio caminho da pesquisa vai, aos poucos, ajudando o historiador – ainda que exigindo-lhe inúmeros daqueles recomeços sobre os quais escreveu Lucien Febvre (1989) num de seus combates – a ir dominando a memória e extraindo dela o melhor do material e da essência de vida a partir da qual formulará suas interpretações sobre o que era ser homem, mulher, criança, professor ou professora, pai ou mãe num determinado passado. Mas um olhar crítico acerca das marcas da memória sobre o Arquivo e o modo como ela, em diferentes dimensões, vai sedimentando o como um dos seus signos, pode ser de grande valia nesse processo, na medida em que ajuda a perceber as diferentes formas de testemunho nele presentes. (ANJOS, 2018, p. 285).

Refletir sobre os testemunhos encontrados no arquivo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional foi a ação que deu base e primeiro formato para o presente trabalho, cuja intenção se amplia e se redireciona para a forma como as crianças comparecem nos espaços da cidade, elencados como locais

¹ Space itself may be primordially given, but the organization, use, and meaning of space is a product of social translation, transformation and experience. (Edward Soja, 1980, p. 210).

propícios ou não para o brincar. A busca então se amplia não somente para a compilação das fontes (notícias, reportagens, posicionamentos, etc., publicados no jornal *Correio Braziliense*), mas para a compreensão do que é infância, criança e o que classificamos como espaços da cidade de Brasília indicados para o brincar.

Sobre infância, aqui entendida como tempo de vida da criança, que não é universal, posto ser uma construção cultural, e criança que, por sua vez, é um ator social, que se relaciona com os sujeitos ao seu redor (outras crianças e adultos de referência) e produz cultura, dialogamos com Pinto (1997), Sarmiento, Pinto (1997), bem como autores cujas pesquisas coadunam com a discussão dos Estudos Sociais da Infância. Nesse sentido, reforça-se sempre que:

As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta. (CORSARO, 2002, p.114).

Ainda sobre o conceito de infância e suas particularidades, Jader Janer (2006) demonstra que esse período de vida da criança é compreendido de forma diversa, de acordo com diferentes localidades, e afirma que cada lugar tem um tipo de criança, possui diversas infâncias. O autor explica as condições de uma criação da infância, e suas mudanças a partir das transformações que a sociedade precisou passar. Além do entendimento de infância e criança, dialoga-se com o disposto por Florestan Fernandes (2004), quando escreve sobre os grupos infantis e a forma como se organizam no espaço urbano para as brincadeiras. E remeter aos espaços nas cidades é também se atentar para um debate gerado por Francesco Tonucci, há alguns anos, focando na participação social das crianças em uma discussão pública sobre as cidades e o seu futuro. Em entrevista realizada por Raiana Ribeiro (2016), Tonucci foi interrogado sobre

o contexto brasileiro, a questão de uma escola integral e a proposta de que as crianças tivessem então as tardes livres, ao que ele responde:

Creio que aqui se abre um tema mais complexo que é o tema da cidade. Algumas relações fundamentais, que antes estavam garantidas, se quebraram. Uma delas é a relação entre as famílias e a escola. Não sei como será no Brasil, mas na maioria dos casos não há mais uma relação de solidariedade e participação entre famílias e escola. A família está sempre em uma atitude conflituosa e está sempre denunciando o que ocorre na escola, o que deixa os professores muito preocupados. Há denúncias na Itália sobre avaliação negativa que professores deram a um estudante. Nunca conheci um bom professor que teve problemas com as famílias, porque ele sabe que uma de suas responsabilidades é ter uma boa relação com as famílias. A outra relação que mudou é com a cidade. Antes, a cidade era o lugar das crianças. Eu me lembro que minha mãe nos enxotava de casa. Sendo de uma família humilde, ela não podia estar com as crianças dentro de casa, pois era impossível dar conta de todas as tarefas com meus irmãos e eu lá dentro. Portanto, dentro de um marco de regras claras de tempo, espaço, atitudes e de comportamento, nós saíamos de casa. Falo dessas regras porque não proponho a anarquia, proponho a autonomia. E a autonomia não é fruto do abandono, ela é resultado do amor e da confiança. Eu te deixo porque confio em você. (TONUCCI apud RIBEIRO, 2016, s/p).

Não adentraremos aqui à discussão sobre escola e a relação com as famílias, tema importante e que vem sendo debatido em outros estudos². Na relação com as fontes elencadas neste trabalho, o posicionamento de Tonucci na entrevista permite pensar se as crianças de Brasília, no passado, experienciavam esse envolvimento com a cidade, tal como comparece nas lembranças da infância do autor. Mesmo em contextos, países distintos, pode-se considerar que crianças que eram “enxotadas” ou recebiam permissão das mães para brincar fora de casa por períodos curtos, existiam em várias cidades do mundo e que, em Brasília, essa ação pode ter sido muito parecida.

Diante disso, surgiu a pergunta que deu origem à essa pesquisa: existiam espaços para o brincar em Brasília e de que forma, no jornal, comparece

² Como, por exemplo, o estudo de Oliveira e Marinho-Araújo (2010), que faz uma revisão de literatura sobre questões referentes à relação família e escola. Ou ainda a pesquisa de Garcia e Souza (2020, p.72), cujo objetivo foi “apresentar os aspectos facilitadores e dificultadores da relação família-escola a partir dos resultados de uma pesquisa mais ampla realizada com famílias”, “tendo como instrumento uma entrevista semiestruturada”.

uma apropriação infantil desses locais? A hipótese aqui indicada é a de que alguns espaços da cidade de Brasília, que na década de 1960 acabava de ser construída e tomava o formato urbano da capital então planejada por Lúcio Costa, consideravam já a ocupação pelas crianças e que essa seria pelo uso pautado pelo brincar.

A partir dessa hipótese relacionada com a questão do brincar no Distrito Federal, uma outra questão foi reformulada: existem espaços para o brincar em Brasília e de que forma no jornal comparece uma apropriação infantil desses locais? Nesse sentido, o objetivo geral é identificar espaços do brincar em Brasília, no jornal Correio Braziliense, apontando a presença infantil nesses locais, assim, entendendo a apropriação que as crianças adquirem a partir dos espaços que elas identificam com as suas necessidades. Demarcado o objetivo geral, os específicos aqui são: 1) Mapear trabalhos científicos em bases e arquivos, bem como realizar o levantamento de fontes no jornal Correio Braziliense; 2) Compreender como os espaços da cidade são classificados como locais para o brincar das crianças, sendo eles classificados por elas mesmas; 3) Analisar a forma como o brincar e as crianças comparecem relacionados aos espaços de Brasília. É pertinente destacar que, quando pensamos no brincar, na relação com a infância e as crianças, o tamanho da importância que este tem para a educação formal da criança é indispensável a ser discutido. Já que, ao analisarmos o desenvolvimento informal dos pequenos através das cidades por meio das brincadeiras, tudo isso acaba dialogando com o estudo, *Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos (2018)* por Andreia Jurdi, Carla Silva e Flavia Liberman, aonde consideram que o brincar é vital para a vida das crianças, sendo uma voz importante das crianças, que são apresentados pontos a serem explorados com a ludicidade nas propostas educacionais relacionados a diversos aspectos.

Esta pesquisa tem como recorte temporal o ano de 1960, quando Brasília foi inaugurada e a década de 1980, quando ela foi eleita pela UNESCO³ como patrimônio cultural da humanidade, possibilitando a manutenção do seu projeto inicial e também que as autoridades brasileiras buscassem verba junto ao Fundo do Patrimônio Mundial da UNESCO⁴. Pensando que nessa indicação, comparecem como patrimônio os edifícios, monumentos, a forma como foi pensada sua organização estética e arquitetônica e isso tudo acaba por conservar – ou não? – os espaços em que as crianças ocupavam na década de 1960 e que aqui são investigados. O recorte aqui é balizador do movimento realizado no jornal *Correio Braziliense*, mas não é engessado, no sentido de que nele podemos transitar tanto retrocedendo quanto avançando um pouco, caso haja necessidade ao entendimento do objeto ou diálogo com estudos científicos realizados. A imagem a seguir representa Brasília, já na década de 1980, uma capital com símbolos por nós conhecidos e provavelmente passíveis de identificação visual rápida:

³ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

⁴ Sobre esse tombamento, o Palácio do Planalto explica: “Em 1972, a UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – criou a Convenção do Patrimônio Mundial, para incentivar a preservação de bens culturais e naturais considerados significativos para a humanidade. O objetivo é permitir que o legado que recebemos do passado, e vivemos no presente, possa ser transmitido às futuras gerações. O conceito de Patrimônio Cultural da Humanidade encerra o entendimento de que sua aplicação é universal. Os sítios do Patrimônio Mundial pertencem a todos os povos do mundo, independentemente do território em que estejam localizados. Marco da arquitetura e urbanismo modernos, Brasília é detentora da maior área tombada do mundo – 112,25 km² – e foi inscrita pela UNESCO na lista de bens do Patrimônio Mundial em 7 de dezembro de 1987, sendo o único bem contemporâneo a merecer essa distinção. O Patrimônio cultural de Brasília é composto por monumentos, edifícios ou sítios que tenham valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico, e a compreensão da sua preservação reafirma a necessidade de se executar políticas públicas capazes de assegurar a proteção desse patrimônio. O urbanista Lúcio Costa, autor do projeto do Plano Piloto, explicou de maneira muito simples a criação dos elementos centrais da cidade: “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz””. (BRASIL, s/d).

Figura 1: Brasília representada como patrimônio cultural da humanidade



Fonte: Jornal Correio Braziliense, 08/12/1987, p.01

A imagem também permite visualizarmos aquilo que foi escolhido destacar aos leitores do jornal Correio Braziliense como informação imagética do patrimônio alçado pela UNESCO. À esquerda, abaixo dos pássaros e no canto superior da imagem, é possível ver uma representação das superquadras. São nelas que, muitas vezes, encontramos menção aos espaços na relação com as crianças. São nelas também que estão dispostas as unidades formais de ensino dos pequenos, como os Jardins de Infância, espaços onde o brincar já era esperado. O que nos direciona também para o disposto como mudança na década de 1980⁵, em documento sobre os 40 anos de Educação em Brasília (2001), como um período onde “iniciou-se a recuperação do sistema público do DF” (DISTRITO FEDERAL, 2001, p. 86).

Definido o período cronológico da pesquisa, o caminho da mesma foi dividido em dois grandes momentos. O primeiro, de levantamento de estudos que se atentassem para a relação das crianças com os espaços das cidades. Para tanto, foram analisados trabalhos das seguintes bases: BDM (Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília), SCIELO

⁵ Discriminado no Capítulo V como O Caminho da Recuperação 1970-1985. (DISTRITO FEDERAL, 2001, p. 85).

(*Scientific Electronic Library Online*), CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). O movimento nessas bases foi lançar algumas palavras-chave e, a partir das ocorrências encontradas, ler os resumos e, quando encontrado trabalhos pertinentes a este, a leitura na íntegra. A seleção usada como filtro fossem os textos voltados a conteúdos que pudessem agregar ao tema que foi escolhido, ou seja, estudos que descrevessem o brincar, a cidade, a crianças e todas as relações que entre esses existissem, assim como a preocupação em enriquecer e as vezes comprovar algumas ideias por pesquisas e estudos de casos oferecidos nesses outros documentos.

Ao realizar a busca na SCIELO, houve uma pequena dificuldade em encontrar alguma palavra ou expressão que alcançasse trabalhos relacionados ao objeto de pesquisa dessa monografia. A locução que obteve sucesso foi “criança na cidade”, resultando em trezentos e oitenta e um (381) estudos envolvidos nesse tema. Desse grande número foram selecionados 10 trabalhos, entre eles teses e artigos.

Tabela 1: Publicações científicas encontradas na SCIELO

TÍTULO	AUTOR(A)	ANO
Como as crianças percebem, idealizam e realizam o lugar onde moram	Ariane Kuhnen e Scheila Machado da Silveira	2009
O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole	Gabriela Souza e Ilka Dias	2013
Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento	Fernanda Muller e Brasilmar Ferreira Nunes	2014
Infância e cidade: reflexões sobre o espaço e lugar da criança	Ana Lucia Castilbano de Araújo	2016
A cidade como espaço da infância	Rhaisa Naidade Pael Farias e Fernanda Muller	2017
A cidade na infância, a infância na cidade	Vânia Carvalho de Araujo	2018

O brincar das crianças e sua apropriação dos espaços públicos	Natália Aparecida de Oliveira Dias	2019
O que as crianças nos dizem sobre a cidade? Interlocações entre infância, educação infantil e cidades	Victória Galter Vieira, Rennati Taquini, Franceila Auer, Larissa Franco de Mello e Vânia Carvalho de Araújo	2021
A cidade e as crianças: desenhos e caminhos a partir do Morro do Estado (Niterói, RJ)	Beatriz Soares Gonçalves	2021
A cidade e o brincar: análise de espaços públicos de brincar de Assis - SP	Adaliza Meloni e Fátima Aparecida	2021

Fonte: SCIELO – organizado pela autora

No período de escrita foram analisados todos os trabalhos aqui apresentados. Em sua maioria, textos voltados para a mobilidade das crianças e sua identificação com espaços propícios a elas. Além de enfatizar a importância dos ambientes relacionados as especificidades das mesmas. Vale ressaltar o trabalho de Natália Dias (2019) como estudo que melhor alcança a temática aqui exposta. Inicialmente, contrapondo o ser criança e como elas são notadas, onde manifesta que essas, pela visão da sociedade em geral, não são vistas como atores sociais capazes de expressar e de exigir direitos, assim, sujeitas às decisões e ações de adultos. Em defesa dessa ideia, Dias também utiliza o trabalho de Fernanda Muller e Brasilmar Nunes (2014), onde cita que as cidades foram criadas pelos adultos, de modo que as necessidades supridas fossem realizadas a partir da concepção dos responsáveis que, no caso, viveram uma geração com desejos diferentes. Com essas ideias, Dias (2019) realiza um debate de entender a relação das crianças com seus espaços, no processo de apropriação. E assim, como elas conseguem e podem contribuir com o pensar das cidades através da concepção de cidade entendida por elas. Entendo que, as cidades não oferecem certa quantidade de lugares para as crianças, essas acabam reinventando os espaços para brincar e desfrutar do que desejam. De acordo com essa manifestação, assim como reportado por Natália (2019), nessa

monografia também apresentaremos a importância da contribuição do espaço para a formação das individualidades desses indivíduos.

Dando procedência no rastreamento de textos voltados a esse conteúdo, referindo se ao CAPES foi utilizado a mesma expressão, que converteu em cento e doze (112) artigos que, após serem ponderados, originou em 2 trabalhos no mesmo segmento:

Tabela 2: Publicações científicas encontradas na CAPES

TÍTULO	AUTOR (A)	ANO
Infância e cidade: inventar espaços e modos de viver	Gislei Domingas Romanzini e Maria Livia do Nascimento	2016
O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam	Paula Sanders Pereira Pinto e Ilka Dias Bichara	2017

Fonte: CAPES – organizado pela autora

O trabalho de Gislei Romanzini e Maria Livia do Nascimento (2016) foi direcionado para a área de Psicologia, abordando como esses espaços e modos de viver conseguem interferir na infância das crianças brasileiras. Locais delimitados e com circulação de outras atividades no espaço, ou seja, inapropriado. O discurso é nutrido por análises do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Já o estudo de Paula Pinto e Ilka Bichara (2017) é resultado de uma pesquisa qualitativa feita em crianças de Salvador – BA, com o intuito de entender sobre essa apropriação de lugares e características dos mesmos, já que o espaço é primordial para os desenvolvimentos dos pequenos, levando em consideração as interações com outros, o brincar, a identidade infantil, entre outras atitudes. Algo em comum pode ser apontado, pois é relatado a presença de crianças em lugares planejados e não planejados para elas, revertendo no apoderamento de lugares, conseqüentemente mais próximos de suas residências. Assim, reafirmando sobre a falta de participação e de escuta sobre os mais novos. (BICHARA, 2017).

Após o estudo e análise desses trabalhos acima, procedendo a pesquisa pela BDM, encontrou-se uma única monografia, a datar pela expressão “as crianças nas cidades”, o texto “Percepção do espaço urbano pelas crianças do Distrito Federal: Cidade Estrutural e Lago Norte”, escrita por Ramon Almeida (2019). Nesse estudo foi explanado o ser político que está presente na infância, fundamentada na pesquisa consumada em crianças de duas Regiões Administrativas com realidades distintas (Estrutural e Lago Norte) elaborada no ano da construção desse trabalho, 2019. Frequentemente, arremeteu-se sobre o lugar e a apropriação das crianças de um ambiente desvinculado a seus interesses e desejos. À vista disso, aprofundou-se no que diz respeito a opinião e como é visto ao olhar das crianças.

Por fim, Rhaisa Farias (2017), discute a visão da criança sobre o seu ambiente social, baseada em uma pesquisa realizada pela autora com duas meninas e dois meninos habitantes de Brasília, em anos atuais, próximo ao ano da publicação do trabalho, DF. No referido estudo foi desmembrado a importância para interação e construção do desenvolvimento em locais informais para uma educação, já que por muito tempo foi entendido que o local de aprendizagem poderia ser somente em instituições educativas e em ambientes familiares. Uma vez que já discutido em outras produções citadas, a relação de crianças e seus pensamentos em temáticas que são de interesse e participação desses pequenos. (FARIAS, 2017).

Como é possível identificar com os trabalhos encontrados a partir do levantamento em bases de estudos científicos aqui demarcadas, apesar de todas observações e registros sobre essas adequações das crianças e seus espaços de convivência, envolvendo a temática do desenvolvimento e das propriedades pontuadas, alicerçado com essa ocupação contemporânea, nenhum se voltou para a questão do brincar nas primeiras décadas de constituição da capital do país. Essa observância acaba por apontar uma abertura investigativa importante para a compreensão da organização da cidade

na relação não só com os adultos, como também com as crianças, desde a primeira década, o que justifica a existência do presente trabalho.

O segundo movimento realizado neste trabalho, que dialoga com a metodologia do ofício do historiador, foi a pesquisa no jornal *Correio Braziliense*, na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (HDB – BN), com o intuito de identificar como o brincar comparece relacionado com as crianças e os espaços da cidade direcionados para essa prática. Jornal esse que foi o primeiro da capital, além de ter sido inaugurado no mesmo dia do nascimento de Brasília, 21 de abril de 1960. A maior quantidade de ocorrência encontrada foi na década de 70, onde apresentou 1146, porém esse movimento sobre o brincar, também teve significado na década de 60, resultando em 463 ocorrências.

O apanhado pela exploração dessas notícias resultou em problemáticas da falta de estrutura característica para o brincar das crianças em Brasília. Muitos episódios voltados para a situação vivida nas Superquadras, pertinentes a falta de organização de espaços, vegetação expansiva, presença de lixos e esgoto. Além desses acontecimentos, destacou-se o movimento sobre os pilotis dos prédios da localização central, dando origem a muitas matérias sobre a proibição ou até mesmo de regras de uso voltados para as crianças. Lançada essa problemática, é explanado o assunto da apropriação dos lugares de brincar, localizados até em paradas de transporte público, ou seja, em ambientes inadequados, que transformados pela imaginação e criação por parte das crianças, construindo um recinto de preocupação, articulado com perigo e violência.

Iniciando o caminho aqui apresentado, informa-se que, em suma, esse estudo se divide em dois capítulos. No primeiro, *Infâncias e cidades: uma relação necessária*, o objetivo é compreender as formas como as crianças, sujeitos históricos e de direitos, podem e devem ocupar os espaços urbanos. Já no segundo capítulo, *Infância em Brasília: no Plano e fora dele, o brincar em foco* o intuito é analisar, por meio das notícias encontradas no jornal, como as crianças

são relacionadas aos espaços da cidade destinados a elas e ao brincar entre as décadas de 1960 a 1980.

1. INFÂNCIAS E CIDADES: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Linhas modernas. Desenho futurístico. Leveza expressa com concreto armado. Projeto arquitetônico. Patrimônio cultural da humanidade. Brasília, capital do Brasil. (DF, 2018, p. 11).

Figura 2: Desenho infantil



Autor: Matheus Vital de Oliveira

Fonte: Currículo em Movimento, 2018, p. 11

Tanto a descrição que abre este capítulo quanto o desenho de Matheus estão no segundo capítulo do Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil (DF, 2018, p. 11), que trata da “identidade do Distrito Federal expressa no Currículo”. Não há a informação de como surgiu a demanda da ilustração ao Matheus e como ela veio compor tal publicação, mas estar ela atrelada à “identidade do Distrito Federal” nos permite aqui considerá-la também a partir do sentido de relação com a cidade. Aquilo que a criança representa sobre o espaço urbano em seu desenho permite que se crie algumas questões: o que ela vivencia no trajeto da sua casa até a instituição de ensino de educação

infantil? Teria ela se desenhado e, portanto, desenhado o prédio próximo de onde brinca, e, provavelmente, mora? Há uma rota de aviões perto de sua casa ou instituição de ensino ou trajetos? Ou seria essa a paisagem próxima daquela que visualiza quando está percorrendo os trajetos que faz com outras pessoas pela cidade? Como evidencia Sarmiento (2018):

A cidade está repleta de pontos assinalados pelas crianças nos seus percursos (sejam eles mais ou menos extensos, sejam autônomos) e emerge nos desenhos que elas fazem: os parques infantis onde brincam, a cor das casas, de si próprias ou dos amigos, a torre do castelo ou do palácio que assinala a presença da História na paisagem urbana, os letreiros dos shoppings ou a imensidão dos hospitais que porventura um dia visitaram. Tudo isso se integra à identidade pessoal da criança e está profundamente imbrincado com a sua constituição como pessoa e como sujeito. Na medida em que está territorializada e incluída num espaço urbano específico, essa identidade é transindividual e constitui a criança como sujeito enraizado no lugar. (SARMENTO, 2018, p. 237).

Aqui, menos do que responder as perguntas lançadas – o que agora seria praticamente possível, sem acesso ao pequeno Matheus – o que podemos afirmar é que o desenho dele, utilizado a princípio como uma ilustração que compõe o documento curricular oficial do Distrito Federal, permite refletirmos sobre como as crianças estão intrinsecamente ligadas às cidades, como essa relação transparece em seus desenhos e como que isso nos diz não só dos seus sentimentos de pertença, mas da necessidade de ser considerada nas decisões concernentes ao território em que vive.

Neste capítulo o intuito é entender a apropriação de espaços urbanos pelas crianças e compreender essa concepção de lugar, embasadas nas leituras de trabalhos relacionados ao tema. Muitos estudos têm evidenciado a relação entre infâncias e cidade, apontando aspectos de circulação, pertença, participação política, exclusão, os percursos afetivos entre a casa e a escola, bem como a própria observância das crianças quanto às suas vivências nos espaços urbanos. (LAZZAROTTO, NASCIMENTO, 2016; FARIAS, MÜLLER, 2017; ARAÚJO, 2018; JÚNIOR, 2019; AZEVEDO, TÂNGARI, FLANDES, 2020).

Sarmiento (2018, p. 233) aponta restrições e possibilidades quando se discute a relação entre infância e cidade. Segundo demonstra, elencando diversos estudos de autores que nos últimos trinta anos têm configurado o debate do tema no campo dos Estudos Sociais da Infância, “o crescimento da população urbana não significa que tenham criado condições iguais para todos”, portanto, a situação das crianças, das infâncias presentes na cidade, são reveladoras do social. Existe espaço como controle, assim como há transgressões.

(...) as cidades, como espaços sociais estruturados, com dispositivos de controle, são particularmente tornadas visíveis nas interdições formais e simbólicas feitas às crianças (de circulação, acesso, mobilidade, interação, práticas sociais) e nas transgressões feitas por elas. A vida delas em situação de rua é especialmente reveladora dessas transgressões e, por consequência, dos processos de interdição, divisão e controle do espaço urbano. Aliás, a pesquisa empírica dos meninos e meninas de rua constitui um importante domínio do conhecimento sobre a infância como categoria social. Isso porque esse estudo das crianças “à margem” é fortemente desafiador das concepções normativas hegemônicas na sociedade (SARMENTO; MARCHI; TREVISAN, 2018) e também na própria organização social no seu conjunto, na medida em que se exprimem relações familiares, comunitárias e de natureza institucional e política (MARCHI, 2007). Mas, na verdade, todas as crianças, que é suposto não estarem na rua, atualizam regras e rupturas com essas regras no cotidiano da vida urbana. (SARMENTO, 2018, p. 233).

O que o autor constrói, ao longo da sua escrita, é que os estudos sociológicos da infância evidenciam que as crianças dão sentido e significado para os espaços urbanos, não somente aqueles que, a princípio, são pensados pelos adultos como “espaços das crianças” ou “espaços para as crianças” nas cidades, como os parques, as praças, as instituições de ensino, os brinquedos públicos específicos. As crianças, por meio das culturas infantis, produzem sua ordem social urbana, reconfiguram seu lugar no espaço. Apesar de não excluir que fragmentações nos espaços urbanos, que zonas de exclusão ou locais exclusivos, onde nem todas as infâncias acessam, faz-se necessário atentar-se para a relação que tem sido construída efetivamente, para as experiências de

escuta ou silenciamento que têm sido efetivadas nas cidades (SARMENTO, 2018).

Relembrando o projeto “La città dei bambini” (A cidade das crianças), ao prefaciá-la obra *Uma città com i bambini – Progetti ed esperienze del Laboratorio di Fano*, Tonucci (2000, p. X) pontua que tal ação demandou uma mudança política radical na filosofia de governar uma cidade, pois implica na garantia das necessidades de todos os envolvidos, não somente na consideração da perspectiva de um grupo, que é geralmente o dos adultos. Como reforça:

Intervir na cidade para que as crianças possam satisfazer as suas necessidades primárias, como explorar, brincar, experimentar sem o acompanhamento e supervisão de adultos significa transformar verdadeiramente a cidade, tanto nas suas estruturas como nos hábitos dos seus cidadãos. Uma cidade onde a gente se move com mais facilidade, mais limpa e silenciosa, mais segura é uma cidade onde todos vivem melhor. (...) Esta proposta costuma fascinar os cidadãos e administradores, mas deve ser aceita com muita cautela e após verificações rigorosas. Entrar nesta perspectiva de respeitar as necessidades das crianças e ouvi-las significa para os gestores iniciar um caminho certamente rico, mas complexo e arriscado. (...) Por outro lado, aceitar esta aposta significa abrir para a cidade um caminho de debate cultural, investigação e movimento que, ultrapassando o curto mandato eleitoral, conduza à decisão de pensar seriamente no futuro e num futuro sustentável. (TONUCCI, 2000, p. X-XI – tradução livre da autora)⁶.

À luz do que enfatiza o autor, pensar a relação das infâncias e a cidade, para além de pesquisas científicas, mas também como proposições de políticas públicas, é reconhecer, junto à produção existente, a capacidade das crianças de desempenhar papéis protagonistas nos processos que estão integradas. E

⁶ “Intervenire sulla città perché i bambini possano soddisfare i loro bisogni primari, come quelli di esplorare, giocare, sperimentare senza l'accompagnamento e la vigilanza degli adulti significa trasformare realmente la città, sia nelle sue strutture che nelle abitudini dei suoi cittadini. Una città dove ci si muove più facilmente, più pulita e silenziosa, più sicura è una città dove tutti vivono meglio. (...) Questa proposta affascina spesso cittadini e amministratori, ma va accolta con grande prudenza e dopo severe verifiche. Entrare in quest'ottica di rispetto delle esigenze dei bambini e di ascolto nei loro confronti significa per gli amministratori iniziare un percorso certamente ricco ma complesso e rischioso. (...) D'altra parte, accogliere questa scommessa significa aprire per la città una strada di dibattito culturale di ricerca e di movimento che, superando il breve mandato elettorale, porta a decidere di pensare seriamente al futuro e a un futuro sostenibile”. (TONUCCI, 2000, p. X-XI).

que esse caminho de relações propositivas não é finito, mas ele se reconstrói de acordo com novas questões, novos debates em torno de temas importantes para aqueles que habitam as cidades. Dessa forma, sempre é uma relação em constante movimento.

Em se tratando de Brasília, ponto comum com o presente trabalho, ainda que em períodos diversos, o estudo de Farias e Müller (2017), examina a compreensão de duas meninas e dois meninos – todos com cinco anos de idade, habitantes da capital, que frequentaram a mesma instituição de educação infantil, cujas famílias possuíam carro – no ano de 2013, a partir do que foi gerado nos três encontros base⁷. Após os encontros e as análises decorrentes, as autoras pontuam:

Observamos que Lucas, Amanda, Daniela e Greg percebem a dinâmica urbana por meio de uma lógica própria, que relacionam ao espaço de trânsito e de moradia, e a atividades recreativas e de alimentação. Isso porque a travessia pela cidade promove a expansão de territórios. Defendemos, a partir de nosso repertório teórico-metodológico, que crianças são capazes de tratar assuntos que tangem suas vidas. Nesse sentido, é legítimo defender a participação de crianças pequenas nas discussões sobre a cidade que habitam. (FARIAS, MÜLLER, 2017, p. 277).

No detalhamento do estudo, as autoras demonstram como a cidade é também um espaço não formal de educação, permitindo aprendizagens distintas para aqueles que com seus locais se relaciona (FARIAS, MÜLLER, 2017). Considerando a tríade da dinâmica relacional até então aqui evidenciada – cidade, criança, adultos – e os processos protagonistas participativos infantis, o presente se divide em três categorias analíticas, com o intuito de apresentar, a partir dos estudos e documentos arrolados, a cidade pelo olhar da criança, a cidade pensada para a criança (os espaços a ela destinados ou indicados pelos adultos) e os territórios urbanos utilizados pelos pequenos para suas brincadeiras.

⁷ “O primeiro encontro previu uma sessão de história; o segundo possibilitou a construção de uma cidade; e o terceiro considerou uma conversa motivada pela foto-elicitação”. (FARIAS, MÜLLER, 2017, p. 265).

1.1. Entender a cidade por meio da compreensão da criança.

Como o título já antecipa, o movimento é perceber elementos de compreensão da criança sobre a cidade, e um documento que aponta indicativos das crianças é o Plano Distrital do Distrito Federal (2013). Manifestação que foi aprovada em 21 de novembro por unanimidade, na Plenária nº237 do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente do Distrito Federal – CDCA/DF, como foco de leitor a população adulta de Brasília, que tem como objetivo garantir os direitos das crianças em sintonia com o Plano Nacional.

O documento se divide em 5 capítulos, o primeiro com a função em apresentar o que seria discutido e elencado por todo o texto; o segundo em discutir sobre protagonismo infantil e descrevendo como foi realizado a pesquisa em geral (como foi feita a escuta, o registro, etc.). O seguinte traz as recomendações que os pequenos fazem, separados por áreas, como: família e comunidade, saúde e alimentação, brincar, escola e educação, mídias e tecnologia, e por fim, violência e medo. O quarto capítulo faz o apanhado e considerações relevantes que precisam ser tomadas referentes as ações do meio, ou seja, tudo que antecede e garante uma boa ação finalista de todas as recomendações, principalmente, os profissionais que serão disponíveis para isso. E o último capítulo consegue descrever e identificar todas as ações que foram promovidas em função de atestar as recomendações realizadas. Para isso, se referindo ao Plano Distrital (2013) do DF, foi fundamental a compreensão de todo o documento que traz em seu conteúdo a visualização que a criança tem sobre todo o ambiente em que vive, além de conseguir elencar seus desejos e necessidades que a fase é solicitada. Podendo afirma através do seguinte trecho: “As crianças sabem muito bem o que querem (..)” (PLANO DISTRITAL, p. 23, 2013). Desse modo, foi apresentado a preocupação que os pequenos tem com seus familiares, sua locomoção (transporte público, faixas, etc.), saúde,

além da solicitação de espaços grandes e livres para que houvesse seus momentos de lazer, exploração e interação com todos.

Similarmente, é ressaltado através de textos explicativos sobre a importância de escutar e perceber os desejos e opiniões críticas das crianças, salientando o poder de serem cidadãos de grande potencial político, com capacidade em criticar, opinar e analisar. Dando gancho a essa discussão sobre o protagonismo infantil, compreendendo que os assuntos que se referem as crianças precisam ser discutidos e analisados por elas, a fim de que os adultos viveram outros tempos de infância, assim como “Os olhares das crianças trazem outro ponto de vista que muita das vezes o olhar dos adultos não alcança e não vê” (PLANO DISTRITAL, 2013, p.25).

Concebendo essas ideias, o documento carrega as diferentes maneiras de conseguir entender todas as opiniões mencionadas pelas crianças destinadas a todas as áreas descritas acima, por exemplo: dar comida para acabar com a fome das crianças, ajudar os pobres, construir um monte de brinquedos novos e diferentes e ter escolas perto de casa, já que com elas não se pode ter as mesmas atitudes quando voltada para uma pesquisa de adultos. Remetendo que seja alcançado as recomendações solicitadas pelas crianças, as críticas devem vir diretamente delas, já que o adulto tem outras concepções sobre todo o movimento. Afinal, o papel do responsável é de concretizar todo esse ponto de vista (PLANO DISTRITAL, 2013, p.25).

As crianças emitem seus pontos de vista por meio de gestos, movimentos, além, é claro, da oralidade e escrita; essa última podendo retratar em desenhos a sua percepção sobre seu ambiente (DIAS, 2019). Como demonstra Rocha (2008):

No caso das crianças a lógica de comunicação com ela, para conhecer seu ponto de vista, não pode centrar-se na oralidade, muito menos de forma exclusiva na escrita. Por isso há necessidade, de cruzar fala ou diálogo em grupos com desenhos, com fotografias-feitas pelas próprias crianças [...].

Considerar a criança e a sua percepção da cidade também foi o caminho traçado por Farias e Muller (2017), a partir da indagação de como é constituída essa visão infantil, trazendo trajetos e espaços mais frequentados, possibilitando o aperfeiçoamento de dúvidas sobre as opiniões de cada um que foi analisado. A pesquisa foi gerada a partir de encontros entre a pesquisadora e as crianças, de modo que fosse feito o rodizio de uma câmera para que todas pudessem fotografar lugares que fossem importantes para cada. Posteriormente, pudessem construir sua cidade em miniatura com suporte das fotografias tiradas. Dessa forma, houveram espaços em comuns, como casas de familiares e trajetos de escola, e outros espaços de entendimento individual, como para atividades extras e em alguns casos, retratos da própria casa. (FARIAS, MÜLLER, 2017).

Nas falas dos pequenos, ao desenvolver as maquetes, apareceram problemas de planejamento, trânsito, entre outros. Assim, em geral, sendo analisados locais com muitas moradias e muito veículos, pouca vegetação nos mesmos, além da locomoção das crianças serem na maior parte do tempo por veículos particulares. (FARIAS, MÜLLER, 2017). Ponderado as ideias já refletidas, entende-se que a criança consegue sim ter uma visão sobre o local onde mora e descrever suas funções na vida dela. A cidade para elas é local de diversão, interação com os outros e zona onde vivem pessoas de suas relações pessoais. Assim, reafirmando que para cada criança existe um conceito e um modo de cidade, além de um modo de conviver nessa mesma, como Müller (2012) demarca também em seu estudo.

Essa diferenciação do conceito de cidade para cada indivíduo é feita a partir das interações que as mesmas têm com o espaço, ressaltando a importância desse local público, na maioria das vezes nomeado como expansão da própria moradia. Uma visão diferente que se pode trazer para essa discussão, é sobre o papel da casa, como fator familiar e de proteção, trazendo segurança e acolimento principalmente em momentos difíceis ou até mesmo de conflitos nas ruas. Quando se descreve sobre a rua ser uma expansão de moradia é tratando

de uma visão infantil, já que para a visão de adultos o território acaba se tornando um local de insegurança e incerteza, levando em consideração a interação com várias gerações, já que não é um local destinado somente a crianças, quando cita Muller “Seus espaços favorecem o encontro de diferentes grupos, viabilizado pela proximidade física entre eles” (MULLER, 2014, p.665).

Paula Pereira e Ilka Bichara (2017) se voltaram para a forma como vinte e oito crianças compreendiam os espaços reservados a elas, apresentando ideias da apropriação de espaços não planejados para as mesmas e a utilização de parques, praças e quadras. Entende-se que ao especificar pontos discutidos nessa integração, assim como as mudanças a serem feitas, sugestões que apontaram ao analisar os espaços e essa apropriação independente dos obstáculos apresentados, mesmo que continuam a brincar sem estarem satisfeitos com o que é oferecido, a preocupação com outros aspectos acaba sendo elevada, em razão da problemática referida a organização da urbanização das cidades influencia na integração das crianças com as cidades, como falta de saneamento, buracos nas ruas, violência, falta de segurança, entre todos os outros perigos que respingam nas brincadeiras das crianças, vale ressaltar que toda essa apropriação é realizada principalmente por crianças que em sua casa não possuem espaços para isso, como não é o caso dos pequenos que vivem em condomínios e loteamentos.

Ademais desses trabalhos mencionados, pode-se interpretar que a visão que as crianças apresentam sobre suas cidades dependem de contextos em que vivem e assim o que é oferecido a elas, por muitas vezes, o que é concedido não alcança todos seus desejos, ou em sua maioria impossibilita a utilização de todos esses espaços destinado a elas, já que são escassos e que possuem a demanda de melhorias e manutenções. Ao estudar mais afundo sobre esse tema, a perspectiva que os pequenos têm passam dos limites que a sociedade acredita em que eles possuem, dado que conseguem visualizar problemas que interferem nos seus espaços ou que dificultam seus momentos de distração, como se percebe em falas das crianças entrevistadas por Pereira e Bichara (2017): “no

meu bairro tem tudo. Só falta segurança. Tinham que ter portões para brincar nas ruas e grades. Tem hora que a gente está jogando bola nas escadas tem risco de cair. Tinham que ter uns portões na escada”. (Paulo, *apud* PEREIRA, BICHARA, 2017, p. 34)

1.2. Entender a cidade por meio daquilo que nela é proposto como espaço para as crianças.

Ao imaginarmos uma criação de uma cidade, com todos o seu planejamento, é de extrema reponsabilidade dos indivíduos criarem espaços que possam suprir as necessidades de todos que devem morar naquele local, ou que pretendem estar convivendo no mesmo, incluindo adultos, idosos, crianças e até os animais de estimação. Mas, ponderando os estudos explorados e considerações realizadas após esse período, ao analisar alguns e principalmente a ideia de Natália Dias (2019) sobre as crianças não serem tratadas como atores sociais, pode se entender que existe uma discriminação contra as crianças e sobre suas capacidades de serem seres críticos. A preocupação com estruturas mais emergentes sempre tende a ter prioridade na execução, no entanto deixam de lado o desenvolvimento dos pequenos que está diretamente ligado aos espaços tanto privados como públicos, se referindo aos locais das cidades.

Ao apontarmos espaços ou territórios ou lugares nas cidades destinados às crianças, considerando a característica brincante relacionada aos pequenos, acaba por relacionar as possibilidades do brincar, portanto, remonta-se às praças, parques e quadras. Todavia, à preocupação com os espaços das e para as crianças agregam-se pontos pertinentes à segurança, ao conforto e à manutenção dos mesmos. Dessa forma, o que é concebido a essa investigação para encontrar respostas a essas indagações é a reafirmação de que as crianças sempre estão deixadas de lado, ou quando resolvem solucionar e proporcionar lugares e momentos de prazer para as mesmas não existe a escuta por parte

delas, como é discutido no Plano Distrital (2013). Ou seja, as criações são feitas seguindo ideias e pensamentos de adultos, que de certa forma não se encontram mais nessa faixa etária de desenvolvimento (PLANO DISTRITAL, 2013).

Sabendo disso, locais cabíveis a esses pequenos não conseguem assegurar uma boa diversão. Podemos certificar sobre esses pensamentos no trabalho de Fernanda Muller e Brasilmar Nunes (2014), no qual apresentam a criação das cidades a partir dos pensamentos de adultos. Dessa forma, as crianças sempre estariam por baixo das concepções de um adulto. Alcançada essa compreensão, o discurso sobre a capacidade das crianças significarem seres políticos e de pontuar suas ideias para que cresçam em suas falas aumentam cada vez mais. Porém, até em dias atuais são contestados os pensamentos dos pequenos, dando origem a esses locais, que não cumprem com as necessidades que as crianças demonstram, contudo, existindo uma melhora nesse quesito, da maneira como é explanado no Plano Distrital da Primeira Infância do DF (2013).

Além da existência de espaços adequados para essas ações, a construção e surgimento dos mesmos não pode se dar somente a isso, pois para que seja concebido esse direito, outras questões também precisam estar envolvidas. Abordando esse assunto, ao cumprir com essa obrigação, a manutenção, segurança e o cuidado para com esses espaços devem sempre estar presentes. Totalizando o que foi captado, o que as cidades conseguem favorecer as crianças, de certa forma, não são capazes em abranger todas as utilidades de suas vidas, deixando a desejar em aspectos físicos para os progressos nessas existências. O que resta a esses indivíduos são locais “livres” que as cidades possuem, mas por sua vez dividindo ambientes ou vivendo perigos tanto por parte da estrutura física, assim como elementos que estão disponíveis nos locais (PLANO DISTRITAL, 2013).

Em vista disso, é por essa finalidade a exploração do acervo que foi disponibilizado para esse trabalho, em prol de entendermos essa apropriação desses locais por parte das crianças, com seus locais de falas e vivendo por

todos os momentos e obstáculos encontrados nessa trajetória, com a análise em frente os registros existentes nos documentos do jornal *Correio Braziliense*, ou seja, revivendo ocasiões dos crescimentos dos espaços.

1.3. Entender os espaços específicos para brincadeira.

Tendo como base os pensamentos aqui já apresentados e todos os estudos explorados, inicia-se a percepção do que é trazido para as crianças da cidade de Brasília. Iniciando esse assunto com a contextualizando em que período foi estreado em busca de solucionar todo esse debate. A cidade de Brasília, no começo de 1960, foi inaugurada com poucos moradores na região, por esse fato, vivendo grandes urbanizações feitas a partir da migração de outros indivíduos habitantes de outras regiões no Brasil. Por isso, a escassez de locais que servissem como ambientes de socialização, crescimento e de lazer para as crianças. Em razão do que foi explanado por Henrique Lara (2016, p. 17) que a localidade de Brasília “era ocupada apenas por fazendas e dois núcleos urbanos, de Planaltina e Brazlândia(..). Pode-se acompanhar por algumas décadas a evolução que a região acabou passando, mas o que torneia esse estudo são os passos desse grande processo que afeta ainda na atualidade, como vimos no Plano Distrital (2013). Dando visibilidade a essas apropriações por parte das crianças.

A não existência de locais destinados aos pequenos não impossibilitam as atividades desejadas e a exploração que os mesmos tendem a realizar a partir da curiosidade que envolve todas essas faixas etárias, possibilitando uma liberdade parcial. Por esse modo, a adaptação por parte desses foi por onde estava disponível, terrenos baldios, gramados abandonados, por baixo dos prédios, entre outros. Entendendo que as crianças, se referindo ao brincar só precisariam de algum espaço. Mas por não serem ambientes adequados possibilitam a vivência de obstáculos que possam atrapalhar ou por sua vez

impedir que ocorram as seguintes atividades e brincadeiras, como será apresentado no a partir da análise do jornal no capítulo seguinte

Seguindo essa agitação dos pequenos, é possível visualizar como isso faz total diferença para a iniciação da formação para a construção de todos esses espaços que não valorizassem somente as crianças que habitam no centro da cidade, ou seja, Plano Piloto, mas todas aquelas que estiverem presentes na área de Brasília, entendendo suas especificadas como crianças diferentes que existem. Do mesmo modo que Florestan Fernandes (2016) em seu texto, *As Trocinhas do Bom Retiro*, traz em seu corpo sobre a importância que o contexto social para a criação do modo de infância. A partir disso, entende-se que, dependendo da cultura, classe, etc., se forme a ideologia e necessidades de cada infância.

2 INFÂNCIA EM BRASÍLIA: NO PLANO E FORA DELE, O BRINCAR EM FOCO

A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos. (WAJSKOP, 2012, p. 31).

Ao encontro de historiadores que demarcam uma mudança de mentalidade ou *sentimento* em relação à infância entre os séculos XVI e XVII, e que apontam que “somente em épocas comparativamente recentes veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes, e, portanto, dignas de ser estudadas por si só” (HEYWOOD, 2004, p.10), este capítulo se volta para um século mais recente – meados do Novecentos, em Brasília – entendendo que, sendo o conceito de infância uma construção histórica social, a criança que vive esse tempo de vida, que nunca é igual para todos, ainda que na mesma faixa etária, também constrói seus modos de brincar nas interações travadas.

Busca-se, neste capítulo, as demarcações da presença infantil na cidade de Brasília, nas décadas de 1960 a 1980, por meio das notícias do jornal *Correio Brasiliense*. Salientando que ao citarmos Brasília não é se referindo somente ao centro da cidade, mas sim ao que pode e acontece ao seu redor. A intenção é identificar os jogos infantis, tal como explicitado por Kishimoto (1993, p. 11), “reduo da livre iniciativa da criança, marcado pela transmissão oral”, brincadeiras que eram realizadas na cidade ou espaços para elas demarcados como tal. Como a criança comparecia no jornal nessa relação entre a cidade e o brincar? Essa é uma das questões que motivaram a busca pelas notícias assim relacionadas. Considera-se ainda que: “o jogo e a criança caminham juntos desde o momento em que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca.

Portadora de uma especificidade que se expressa pelo ato lúdico, a infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração”. (KISHIMOTO, 1993, p. 11).

Sobre Brasília nas duas primeiras décadas, é pertinente destacar que se tratava de uma cidade inaugurada no dia 21 de abril de 1960, que foi construída e planejada para se tornar a capital do Brasil. Estudado o texto de Maria Ribeiro (2015), antecedente disso o desejo em haver a mudança de capitais, que antes se instaurava na cidade do Rio de Janeiro, já perpetuava por algumas décadas, isto é, discutida em outros mandatos de demais presidentes. Porém, a realização da necessidade de Estado foi feita por Juscelino Kubitschek (RIBEIRO,2015).

Pelo fato não ter se concluído em outros tempos, juntando a outros interesses do governo de Kubitschek, se referindo a ocupação do interior do país, o plano de construir uma nova cidade com o intuito de ser a capital começa a sair do “papel”. Com esse propósito, a construção de Brasília executada por outros imigrantes de outros estados brasileiros, deu início a formação da população que se instauraria na capital nova. (RIBEIRO, 2015).

Feita essa primeira apresentação sobre Brasília e sobre o foco da investigação – o brincar das crianças e os espaços na cidade demarcados para tal – este capítulo se subdivide em três momentos analíticos. O primeiro apresenta o modo como se constitui a pesquisa, as análises do cotidiano das crianças traçado no jornal, próximo ao que seria “uma maneira de caminhar”, que pertence, aliás, “às maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objeto” (CERTEAU,2008, p. 35). O segundo se volta para os espaços da cidade relacionados diretamente com as crianças, seja de forma positiva ou negativa. E, por fim, o terceiro momento apresenta as demandas infantis – quando e como aparecem – e as brincadeiras que podem ser listadas a partir do acompanhamento de duas décadas do jornal.

2.1. As artes de fazer uma pesquisa no jornal: a organização em busca do brincar

Quando se pensa em pesquisa com jornal, aborda-se o significado de fontes históricas que Juarez Anjos (2016) demarca como sendo todo e qualquer documento e vestígios que retrata algo do passado que pode ser visualizado no presente, promovendo essa ponte entre dois períodos. Acreditando nesse conceito, a leitura de fontes históricas não consegue contemplar todas as informações que estão presentes, ou seja, para que haja uma hipótese da resposta do problema de pesquisa necessita-se de interpretação e indagações por parte do historiador, para que assim possa acrescentar à pesquisa. Apontando sobre a importância da aplicação de boas e contextualizadas inquisições.

Ainda sobre fontes históricas é de conhecimento a existência de variadas tipologias de fontes. Porém, neste trabalho utilizou-se as fontes de imprensas periódicas, no caso, no jornal *Correio Brasiliense*, com a facilidade e o conforto de analisar os acervos disponíveis mediante a Hemeroteca Digital Nacional, ressaltando que nesse banco só conseguimos contemplar as edições que foram digitalizadas.

Ressalta-se que quando se trabalha com imprensa periódica, os jornais não são imparciais, pois trazem em suas notícias e reportagens as marcas de suas ideias, de suas proposições e contextos políticos, sociais e econômicos. Ainda sobre o discurso da imparcialidade, estas acabam ficando de lado, por parte dos conteúdos encontrados e até mesmo nos relatos e problematizações em colunas que possibilitam a voz ativa dos leitores.

Absorvendo as especificações e cuidados que precisam ser seguidos ao realizar uma pesquisa histórica, buscou-se no jornal pela palavra brincar resultando em 463, na década de 60 e 1146 ocorrências na década de 1970. Pelo fato de o termo pesquisado haver vários sentidos em diferentes contextos, precisou descartar algumas reportagens e notícias que acabaram sendo

expostas nos resultados e não tinham relação com crianças e os espaços da cidade.

Um dos contextos que a palavra brincar aparece é no sentido do brincar de Carnaval, uma festa cultural de grande significado e dedicação por parte da comunidade brasiliense. A presença de blocos carnavalesco, festas organizadas, clubes que disponham seus espaços para essas comemorações, além dos grupos que acabam se encontrando nas ruas. Portanto, esse tipo de reportagem aparece evidentemente no começo de todos os anos de jornais publicados, perpetuando no final de janeiro até o começo de março, como no trecho a seguir: “Com os salões cheios, muita gente fantasiada e muita animação ao som de boas orquestras, a população de Brasília, de todas as camadas pôde brincar à vontade.” (CORREIO BRAZILIENSE, 04/03/1965, 2º caderno).

Outra interpretação que pertence aos textos é se referindo muitas vezes em irresponsabilidade, como aparece nas notícias de assuntos políticos ou acontecimentos relacionados a atitudes pessoais. Sem deixar de expor, o sentido que o brincar traz em muitas reportagens sobre o futebol, esporte de grande importância e influência entre os brasileiros. Como temos de exemplo a reportagem que retrata um pouco do time do Fluminense e sua vitória sobre o time do Bangu, Fadel: “Flamengo está embalado: W. Xavier: “Flu tem mais time” Vocação para campeão (CORREIO BRAZILIENSE, 12/12/1963, P. 6)

Discorrendo sobre o brincar relacionado às crianças, no jornal é divulgado, principalmente, em três modos. Um deles está se referindo ao brincar em espaços privados, como jardim de infância ou até mesmo dentro das residências, o que nesse trabalho não pertence ao foco de estudo. Por outro lado, citando a respeito das brincadeiras pertencentes à época, quais os brinquedos e instrumentos que mais apareciam nessa infância, dessa forma, inclusive se tratando de lojas que comercializam os mesmos, ou em trazer a importância desses para o desenvolvimento dos pequenos. Conforme na reportagem, *Os brinquedos na vida infantil* (CORREIO BRAZILIENSE, 10/07/1965, p. 3) que traz em seu corpo a importância que as crianças enxergam

nos brinquedos, além do papel que o mesmo consegue completar as brincadeiras.

Ainda se tratando da reportagem acima, uma informação que podemos destacar é o fato onde é trazido a importância do zelo e do cuidado que as crianças precisam ter com os brinquedos e os aspectos de educação que os responsáveis precisam trabalhar com seus pequenos. A partir desse conteúdo é evidente a importância que o jornal consegue passar sobre a vida e a criação das crianças. E por fim, exposições descrevendo a apropriação dos espaços pelos infantis lugares que serviam para o brincar e problemas que possam estar inseridos na causa dessa precariedade quando citado esse assunto, que tem como alvo desse estudo.

2.2. A cidade e seus espaços relacionados às crianças

Ao investigar todas as ocorrências resultantes da pesquisa e possuindo a capacidade em entender a dinâmica presente entre crianças e a cidade a partir do conteúdo apresentado no jornal, provindo da década de 60, pelo fato de Brasília ser recém-inaugurada, a urbanização do território ainda se iniciava junto a outros tipos de construções de diversas estruturas. Com isso, o que é encontrado nessa primeira exploração é a ocupação das crianças em locais não planejados para as atividades de lazer, sendo assim, tendo que passar por certas situações.

A descrição desses locais inapropriados, muitas vezes com a presença de poluição da água, que acaba se alastrando entre as quadras e possibilitando que as crianças possam brincar com a água suja, ou a presença de lixo, que na maioria dos casos, os pequenos não brincam com o mesmo, mas em sua maioria estão no mesmo ambiente, ora a poucos metros de distância, facilitando a convivência com seres indesejados, como insetos e roedores, podendo alastrar doenças, conduzindo um risco a saúde indiretamente, não só para as crianças, mas sim a suas famílias. De acordo com um relato de um adulto, na coluna

Visto, lido e ouvido por Ari Cunha, que descreve essa situação indesejada para ser publicada no jornal: “estou recebendo um telefonema de um morador do IAPI, para dizer que entre a sua superquadra e a da Capifesp há um mar de águas poluídas, e isto tem prejudicado as crianças que não podem brincar nessa área.” (CORRERIO BRAZILIENSE, 07/08/1960, p. 2).

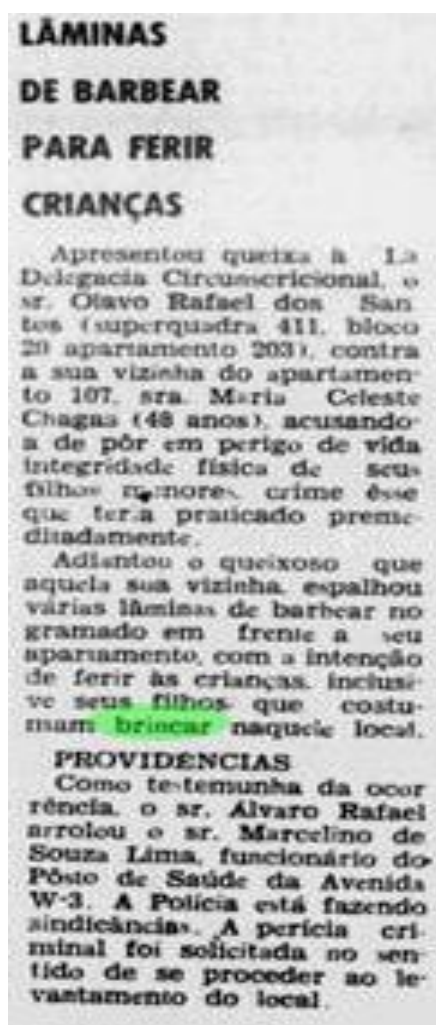
Em sequência sobre a divisão de espaços com seres e objetos indesejados, outro fator que prejudica o brincar em espaços próximos as suas residências e de livre acesso, são com os motoristas imprudentes, que circulam entre as superquadras “desenvolvendo velocidade alta, com risco da vida de inocentes, (...) afetando o brincar, já que as crianças se encontram por todo o terreno” (CORREIO BRAZILIENSE, 22/03/1966, p, 4). Com isso, observa-se que o brincar é afetado por múltiplos pontos que precisam ser discutidos e solucionados, um deles, a falta de segurança.

Para mais que essa situação, a partição dos espaços “livres” também é feita por veículos estacionados, que acabam atrapalhando não somente a brincadeira das crianças, e sim a locomoção e a entrada pelos pilotis, em razão da falta de garagem e estacionamento por essa região. Atentado a essas situações de falta de recursos é notório como o contexto do período que Brasília se encontra se faz presente até mesmo nas vidas das crianças, prejudicando assim o desenvolvimento e a participação ativa em lugares públicos.

Mesmo assimilando que esse problema precisa ser solucionado com medidas vindas do setor governante da cidade, a população que habita nesses locais inicia um movimento contra a essa agitação por parte das crianças. O que constantemente aparece no jornal por esse intervalo é o aumento de relatos negativos a respeito do assunto, ainda com notícias de crimes que os moradores conseguem planejar e executar contra a criançada. Na matéria a seguir, é possível visualizar esse tipo de crime efetuado. No mesmo, é retratado que um moradora espalhou lâminas de barbear pelo gramado em frente a janela do seu apartamento, para que as crianças ao passarem pelo local, pudessem se machucar e acabavam evitando o gramado da região. O mais surpreendente é

que a mesma moradora dona do crime teria a intenção de “ferir às crianças, inclusive seus filhos que costumavam brincar naquele local” (CORREIO BRAZILIENSE, 06/07/1965, p. 8). A violação nesse caso culminou a uma investigação policial.

Figura 3: Lâminas de barbear para ferir crianças (1965)



Fonte: Jornal Correio Braziliense, 06/07/1965, p. 8 – HDBN

Refletindo esse e outros textos que aparecerem no *Correio Braziliense*, nesses mesmos contextos de crimes contra as crianças, é nítido que a falta de um lugar discriminado para o brincar das crianças afeta toda uma população.

Muitas vezes por falta de empatia dos vizinhos, em entender o direito que está sendo afetado, ou relacionado a situações que necessitam de mais tranquilidade. Ainda que com todo esse primeiro problema localizado, percebe-se que o ser criança, mesmo com os obstáculos em impedir que aconteça a brincadeira, não abala a importância que a ação de brincar tem para a vida de cada um, entendendo as consequências que estivessem para frente.

Nesse primeiro momento, após a análise da parte do acervo, observa-se a falta de locais, como: praças, playgrounds e quadras para essas atividades desejadas. No entanto, não significa que por toda a cidade não exista locais para isso, mas em sua maioria dos casos, a existência é nos centros ou nos clubes. Por sua vez, em especial, os clubes por serem locais privados liberam a área a partir da associação. Ou seja, a família que não possui esse vínculo não tem a oportunidade de privilegiar das estruturas. Dando a abertura a complexa desigualdade social, dado que essa apropriação de espaços dos clubes era feita por crianças de famílias que tivessem uma situação estável.

Em adição a esses ambientes comentados, um diferente local é descrito em uma notícia na edição do jornal, em 1964 Chuva não veem sendo empecilho para crianças visitarem o Zoo. O zoológico, por ser um recinto grande e espaçoso, as crianças enxergavam como um ótimo espaço para desfrutar com suas brincadeiras, menosprezando os fatores climáticos, particularmente a chuva (CORREIO BRAZILIENSE, 01/12/1964, p. 5).

Retomando ao território de moradia, outra problemática é trazida à tona, a aparição de zonas “sem funcionalidade” por falta de organização, esses terrenos servem de despacho de restos de materiais de construção, e pela falta de cuidados, o que antes era um gramado se torna um matagal, dando origem a presença de insetos, além de escurecer os ambientes que em certo período exercia o papel de local conveniente para gozar das brincadeiras. Prontamente a exploração sobre os textos que rondavam na década de 60, o início da década de 70 não propôs um começo diferente, porém a movimentação no jornal com

foco de pesquisa sobre o brincar, cresceu bastante em quantidade de notícias publicadas, entre elas movimentos entre bairros, relatos, reclamações e outros.

Observando as informações encontradas, percebe-se que a preocupação e o cuidado com essas particularidades que são trazidas pelas crianças e de necessidade delas, são “resolvidas” em sua maior parte, em localidades que possuem uma maior visibilidade ou bairros mais novos localizados no Plano Piloto. Deixando de lado, as cidades satélites que rodeiam o centro, possibilitando que os pequenos desses locais continuem passando por situações citadas na década de 60. Porém, a agitação provocada nesses locais, também não inclui todos as superquadras do Plano Piloto, ocasionando que as problemáticas referidas a falta de espaços apropriados ao brincar continuem existindo.

Por esses fatos, outro ponto que também é discutido no *Correio Braziliense* é o aumento da violência e o perigo destinados à essas crianças, como a presença de sequestros e a grande movimentação de carros, já que as crianças precisam dividir esses espaços com os veículos que circulam nas superquadras. Mesmo com todas essas reclamações, ao completar o aniversário da cidade, o jornal registra várias falas sobre Brasília na reportagem Presente de Brasília (CORREIO BRASILIENSE, 03/04/1970, p. 1) e assim, é nela que apresentada uma informação diferente sobre todas que perpetuam sobre esse período. Nesse texto é citado o privilégio das crianças quando comparado com outras cidades, onde essas não possuem um local para brincar. Se entende que nesse caso, se referindo a esses locais, são espaços livres, com poucas moradias, disponibilizando intervalos maiores que essas possam aproveitar para seu lazer.

Todavia dessa informação ainda existe a extinção dos espaços sugeridos pelas crianças e responsáveis em suas quadras, porém um grande problema vem tomando tamanho dentro do jornal. As brincadeiras estão acontecendo nas gramas, ou seja, degradando e dificultando a implantação, que na visão dos moradores é de extrema importância, a fim de que Brasília tem sido construída

da terra da terra vermelha, como é visto no relato por moradores à Ari cunha, na coluna Visto, Lido e Ouvido (CORREIO BRAZILIENSE, 19/07/1970, p. 9^a), adicionando mais uma dificuldade em haver essa apropriação dos espaços.

Em seguida a esse mar de solicitações e desinteresse por parte do Governo em solucionar o problema, as notícias acabam tomando outro rumo. O qual problema é amenizado por algumas implantações de playground, mas isso não é suficiente, pois mesmo com essas mudanças, o que vem acontecendo é a falta de manutenção que esses locais acabam não recebendo, ou pela falta da finalização nessas construções, dando origem a outras discussões. Entende-se que toda essa dificuldade é consequência da falta de urbanização de várias localidades em Brasília, ainda sem oferecer muitas estruturas e suporte para a população moradora. Pelo motivo de ser uma cidade nova ainda com os seus 16 anos em um processo de desenvolvimento. Isso se comprova em múltiplas pequenas notícias se referindo a isso, como segue adiante.

Figura 4: SQS 404 pede urbanização (1973)



Fonte: Jornal Correio Braziliense, 1973 – HDBN

Em conformidade a essa reportagem, mesmo encontrada em preto e branco, com mato seco ao redor e terra solta, segundo os moradores da região, pode se perceber a pouca presença de urbanização localizada ao redor do prédio da quadra. Imagem que desfigura sobre a paisagem que temos nos dias atuais, com a presença de quadras e parques, calçadas para a locomoção e a independência que cada quadra tem. Sem contar os gramados que cobrem os espaços entre uma quadra e outra, quando não há construções.

Destarte dessa situação que se encontra na década de 70, muitas ocorrências acontecem em decorrência da falta de infraestrutura, como acidentes de pequenos estragos ou até mesmo levados a morte. A reportagem a seguir é impactante e de grande visibilidade em relação a isso, já que pela

descrição, compreende o grande número de casos que acontece na região, principalmente localizados nas cidades satélites, como mencionadas, locais de maiores desinteresse por parte da gestão da cidade.

Figura 5: Criança morre quando tomava banho no poço (1977)

Criança morre quando tomava banho no poço

Um poço de aproximadamente 25 metros de diâmetro e 2 metros de profundidade está deixando os moradores da QNN 25, da Ceilândia Norte, em desespero, pois neste buraco já morreram afogados mais de quatro crianças e, ontem, foi a vez do menor Sebastião Santos Mangussi, de 10 anos, que brincava com outros coleguinhos na beira do poço, onde caiu morrendo afogado, sem receber qualquer socorro, pois os garotos que se encontravam em sua companhia não tinham meios de ajudá-lo.

O buraco foi cavado, provavelmente, por construtoras à procura de terra para suas obras, nas proximidades da QNN 25, conjunto H, durante a época das chuvas. E nenhuma providência foi tomada para fechá-lo. Com as chuvas, o buraco ficou totalmente inundado.

Várias menores já foram encontradas boiando em suas águas, e foram retiradas por populares ou soldados do Corpo de Bombeiros, sem que até o presente momento as autoridades tenham tomado qualquer providência no sentido de tapá-lo. As mães vivem aflitas, pois os garotos, na faixa de 5 a 11 anos, costumam brincar nas imediações.

A NOVA VÍTIMA

Eram exatamente 16:00 horas, quando Sebastião saiu de casa, segundo sua mãe Maria Santos Mangussi, em companhia de mais cinco menores, sendo eles: os irmãos Ronan Martins Gomes, 6 anos, e Ronaldo Martins Gomes, 7 anos, Jair Soares da Cunha, 6 anos, Leonardo Soares da Cunha, 8 anos, além de Rogério César Mangussi, 8 anos, irmão do menor Sebastião, que faleceu afogado.

Todas as crianças saíram de casa sem dizer para onde se dirigiam - continuou Maria dos Santos - e somente por volta das 18 horas é que fui informada por vizinhos de que Sebastião estava morto na beira do poço existente nas imediações



da QNN 25. Imediatamente fui ao local, mas só encontrei os policiais junto ao corpo, que me disseram estar o garoto sendo periculado.

Enquanto isto, os colegas de Sebastião, que estavam no poço juntamente com ele, alegraram que todos os garotos da quadra costumam tomar banho ali. Naquela tarde, entretanto, estavam apenas contemplando o poço. Em dado momento, Sebastião caiu dentro do buraco e, apesar de gritar por socorro, os outros nada puderam fazer, porque não tinham resistências para tirá-lo das águas.

Um dos garotos correu em direção à quadra, gritando por socorro e pedindo para que alguém fosse até o buraco salvar Sebastião. Um popular, identificado apenas por Cícero, dirigiu-se até o local na tentativa de salvar o menor, mas quando chegou, ele já estava boiando e sem vida.

É grande o quadro de terror e apreensão entre as mães de outros garotos, que estão revoltadas porque já foram feitos inúmeros pedidos às autoridades competentes para taparem o buraco e até o presente momento nenhuma atitude foi tomada. Uma das mães perguntou à reportagem sobre, até quando as crianças vão continuar morrendo afogadas dentro daquele poço.

Com a palavra as autoridades.

Fonte: Jornal Correio Brasiliense, 6 de janeiro de 1977.

A imagem utilizada para ilustrar é o retrato de Sebastião, vítima do acidente descrito que, provavelmente a mãe, citada no jornal, disponibilizou para a reportagem, com ideia de provocar sensibilidade através de uma fotografia retirada em ambiente escolar, em razão em demonstrar que Sebastião era um bom rapaz e estudioso. A notícia contou com a apavorarão de muitas mães em

decorrência do tal poço, que vem sendo um risco muito grande para as crianças, dado que já houve a morte de mais de quatro crianças que se encontraram boiando e sem vida, sem que houvesse um resgate, como aconteceu com Sebastião. Diante da situação, não houve socorro, em função de que as pessoas que estavam perto e ao redor do poço eram crianças, então não tinham força o suficiente para retirar o colega, alcançando somente uma solução, em conseguir ajuda na superquadra. Ao chegar, Sebastião já se encontrava morto. A inquietação por parte das mães, ao solicitar às autoridades, que o buraco seja tampado, finalizando o texto com a seguinte indagação feita a repórter: “até quando as crianças vão continuar morrendo afogadas dentro daquele poço.” (CORREIO BRAZILIENSE, 06/01/1977, p.14)

Nesse período de alguns anos, a quantidade e a preocupação por parte dos familiares e vizinhos se expressa de uma forma significativa por todo o *Correio Braziliense*, mas de certa forma, não é possível analisar a preocupação por parte dos governantes da época. Em resultante disso, o que pode entender é o silêncio em determinado tempo por parte dessas reclamações e angustiantes notícias nesse contexto fúnebre. Silêncio, é preciso destacar, nas respostas que podem ser buscadas nas páginas do jornal, fonte central aqui investigada, o que não exclui a possibilidade de que, documentos oficiais do governo, possa ser encontrada alguma ação ao encontro dessa demanda.

Examinado todo esse acervo, alcança-se mais uma vez sobre a compreensão que todas as crianças conseguem ter a visibilidade e o mapeamento de suas necessidades e desejos, provocando tornar-se um ser político e de grandes manifestações. Caminhando por essa temática é possível o entendimento no que concerne, quando foi citado por Fernanda Muller (2012) que todas as criações e soluções foram realizadas a partir da visão de adultos e não sobre o olhar dos que iriam desfrutar. Assim, conclui-se que, mesmo em décadas anteriores a da atualidade, a descriminalização a respeito das crianças pelos adultos já ocorria.

2.3. Entre pedidos e notícias, as crianças e suas brincadeiras pela cidade

Lançadas as questões sobre as dificuldades que as crianças passavam por falta de estrutura planejada, aqui atenta-se para alguns dos tipos de brincadeiras e as solicitações feitas pelas crianças para a melhoria do seu ambiente de convívio. Juntamente a esse mar de reclamações consegue compreender o movimento realizado para solucionar ou amenizar essa situação mais presente, principalmente, na década de 70. As manifestações e reclamações eram realizadas por todas as famílias que se viam inseguras com a condição em que os pequenos transitavam. E também, os protestos vinham de forma significativa por parte das crianças por sempre terem a capacidade em analisar e elencar pontos de melhorias.

Em vista disso, as crianças, por serem seres políticos, tendem a iniciar um movimento de reivindicação a construção de locais e manutenção desses terrenos. Um episódio a ser mencionado nesse estudo é sobre a matéria em que o prefeito, Wadjó Gomide, escutou a assembleia infantil da superquadra 108, organizada por alguns representantes desses indivíduos, ao entregar um documento com 330 assinaturas de crianças solicitando a elevação de playgrounds, praças e quadras, onde pudessem desfrutar de seus prazeres. A resposta do mesmo era propor que não seria feita as mudanças somente na 108 e sim em todas as superquadras, para que a comunidade infantil fosse prioridade em suas decisões.

Figura 6: Crianças Pedem Locais para Brincar a Wadjó (1967)



Fonte: Jornal Correio Brasiliense, 28/07/1967, p.8 – HDBN

A reportagem acima tem a presença de sete crianças, com idades diferentes, que vão ao encontro do Presidente Wadjó, com foco em solucionar a questão referente a esse desrespeito ao direito de brincar. A partir desse acontecimento com a criação da Assembleia Infantil responsável em possibilitar a exposição sobre a participação infantil que cresce junto a essa agitação de reivindicações. Nesse caso, a participação vem diretamente das crianças, fazendo que esses estejam realmente envolvidos no processo, elevando a ideia de que as crianças são atores sociais. Como Souza (2007, p. 74) afirma “a criança como sujeito social individual, que carrega desde o nascimento as expectativas sociais e ao desvendar o mundo e mergulhado nele aprende ou pode se constituir indivíduo”.

Com toda essa participação ativa das crianças fica evidente a indignação a partir de algumas indagações feitas por elas na reportagem: “Não podemos pisar na grama, não podemos brincar nos pilotis, não podemos jogar peladas

nas calçadas. Vamos brincar no meio das ruas? E o trânsito? A rua é dos automóveis.” (CORREIO BRAZILIENSE, 28/07/1967, p.8). Materializando uma luta infantil em função de alcançar seus direitos, que assim, como observamos nos dias atuais, puderam ser realizados, em razão de cada superquadra dispõe de locais com a intenção em ambientalizar as crianças.

Os pedidos giram por um grande período de tempo sobre essa inauguração de locais apropriados e que alcançassem quereres que os pequenos tanto solicitaram. Por um curto período de tempo essas indagações se calaram, porém deram origem a falta de manutenção nesses espaços construídos ou até mesmo para que fosse finalizado as obras iniciadas. Como manifestada na reportagem abaixo, onde os meninos reclamam sobre os buracos que estão cada vez maiores no lugar aonde andam de skate.

Figura 7: Meninos enfrentam as valas com os “skates” (1976)



Fonte: Jornal Correio Braziliense, 16 de abril 1976, p.1 - HDBN

Observado a imagem, pode se perceber a presença de pés infantis, em decorrência do tamanho e como citado no corpo do texto, de sexo masculino,

alguns caminhando perto das valas, outros utilizando os skates. O fator em destaque desse conteúdo é que algumas valas foram provocadas por um morador para que fosse impedido as corridas de skates, já que sua filha não conseguia dormir. A partir disso, a presença da solicitação através das crianças, que por mais uma vez se mostram protagonistas, já foi enviada para os gestores, que em questão ainda não se mobilizaram para solucionar e punir o específico morador, o qual, tomou certas atitudes em cima de interesses particulares.

Aproveitando o gancho que foi trazido a partir dessa reportagem, seguida da análise de todas as ocorrências resultantes das décadas pesquisadas, pode-se interpretar a falta de importância que os responsáveis pela cidade tendem as problematizações que as crianças e os responsáveis solicitam. Analisando que o morador que interferiu na brincadeira dos pequenos também apresenta um certo interesse em locais apropriados, posto que o barulho próximo ao prédio possibilita um desconforto em sua moradia. Observou-se a presença de atividades e brincadeiras simples que ainda conseguem perpetuar até a contemporaneidade, brincadeiras que pudessem ser realizadas em qualquer lugar, podendo ser improvisada alguns adereços necessários.

Exibida todas as situações aqui neste trabalho, a felicidade e a cumplicidade que as crianças tinham um com o outro é instaurada em vários episódios. A persistência em brincar e em ter o seu local só reforça a importância afetiva e significativa que tudo isso tinha para todas as crianças da época e até nos dias atuais. Se mostrando capazes em lutar por seus interesses e não se comoverem por coisas pequenas, onde não conseguem alcançar suas expectativas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante retomar que o objetivo do trabalho aqui era identificar os espaços de brincar em Brasília, através do jornal *Correio Braziliense*, caracterizando a presença infantil nesses locais, nos anos de 1960 a 1980. Diante desse objetivo, algumas questões que deram início a esse trabalho foram respondidas. Após o mapeamento de trabalhos científicos em bases e arquivos, afirma-se que existem textos relacionados a essa movimentação das crianças pelas cidades, relações que essas conseguem obter e alguns que discutem como a criança enxerga seu local de moradia.

Prontamente, analisando os acervos encontrados no jornal nas décadas selecionadas, é nítido a presença do problema pela falta de espaços adequados em possibilitar os momentos de prazer solicitados pelas crianças. Mesmo com essa problemática, não é notado a presença da preocupação por parte dos gestores em solucionar esse fato, dando origem a grandes problemas, crimes e reclamações. Assim, houve pelas as crianças a ocupação em espaços livres tendo que conviver com diversas situações. Aprofundando esse assunto, conseguiu-se visualizar como os pequenos realizam papéis políticos em defender seus direitos e desejos.

A presença das crianças nos locais livres acontecia independentemente de toda essa falta de interesse social, significando que a partir dos locais ao redor das moradias das crianças, qualquer espaço poderia se tornar lazer, já que os parques, playgrounds e quadras só eram encontrados nos centros ou ambientes de maior influência em outros aspectos.

Para que houvesse a compreensão e a realização de indagações que fossem feitas a essas fontes históricas, foi necessário aqui percorrer por um caminho e entender a relação da criança e a cidade. Sendo assim, a relação existente entre os dois vai além de ser um ambiente de moradia, muitas vezes observada e criticada a partir de trajetos realizados diariamente, porém o que esse estudo mostra é que essa relação ultrapassa esses trajetos mencionados,

já que a criança tem potencialidade em entender sobre os espaços que são sugeridos e as relações que os espaços tendem a ter com pessoas conhecidas e de mesmo ciclo vivencial.

Em desfecho dessa análise, entende-se que os gestores que esse período tivera não solucionaram a maior problemática em questão. Mas outros agentes que apresentaram dedicação seriam os responsáveis pelas crianças e os moradores em geral, lutando ou improvisando soluções. Entendendo que ao solucionar isso, alcançariam o desejo dos adultos em se preocupar menos com os perigos que a situação alcançava, o livramento da perturbação sonora que as crianças provocavam, além de outros objetivos.

Este estudo acaba abrindo uma frente na investigação de locais e da apropriação dos mesmos pelas crianças em Brasília, nas primeiras décadas após ser inaugurada a capital. Identifica-se que o brincar era o que destinava as crianças na grama, mas, antes disso, na grama teve lâmina de barbear para impedir essa apropriação do espaço. Só que, ao mesmo tempo que se brincava na grama ou na falta dela, a observância das crianças de que nela também não podiam estar, nem abaixo dos pilotis, só restando o meio das ruas, demonstra que podemos ver a grama como uma das primeiras bandeiras espaciais levantadas pelas crianças e alguns de seus responsáveis.

Este estudo não se esgota aqui, caberia ainda seguir pelo fio do nome das crianças que comparecem no jornal, como, por exemplo, na Assembleia Infantil, tentando encontra-las em outras ações participativas em prol de seus interesses na relação com a cidade ou outras. Seria interessante também mapear, por meio de reconstruções das plantas dispostas no Arquivo Público do Distrito Federal, os parques e praças planejados e depois os efetivados e solicitados nas páginas do jornal. Um cotejamento entre o proposto e o realizado, que tanta diferença fazia na dinâmica social das crianças daquele período. Enfim, este estudo cumpre com a exigência de um Trabalho de Conclusão de Curso, mas acreditamos que aqui não se esgota e que dele possíveis

desmembramentos virão...quem sabe na Pós-Graduação? Isso está ainda no mundo dos planos e sonhos..., mas nunca tive medo de traçar nenhum dos dois.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Juarez J. T. dos. Teorizando e apresentando fontes para a pesquisa. In: *Metodologia da pesquisa científica em educação: dos desafios emergentes a resultados iminentes*. Organização de Eliane Paganini da Silva, Sandra Arlete de Camargo Silva. Curitiba: Ithala, 2016.

ALVES, Patrícia B. *O brinqueado e as atividades cotidianas de crianças em situação de rua*. Porto Alegre: UFRGS, 1998. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

ARAÚJO, Vania C. de. A cidade na infância, a infância na cidade. *Educ. Foco*, Juiz de Fora, v.23, n.3, p.715-736 set. / dez. 2018. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3NBHBzCwyJQJ:https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20099/10684+&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso out. 2021.

AZEVEDO, Giselle A. N.; TANGARI, Vera R.; FLANDES, Alain. O habitar das infâncias na cidade: territórios educativos como uma forma de resistência. *Desidades*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 111-126, dez. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822020000300009&lng=pt&nrm=iso Acesso out. 2021.

BALDEZ, Etienne; APARECIDA, Monique. Participação das crianças em projeto político-social elaborado por adultos: a Plenarilha no Distrito Federal. *SEÇÃO TEMÁTICA: Infância, Política e Educação*, 18 set. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/KBFH9fGjnxpFPYfG5f8hJmh/?lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2021.

BRASIL. Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade. In: RESTAURAÇÃO Palácio do Planalto. s/d. Disponível em: <http://www4.planalto.gov.br/restauracao/brasil-patrimonio-cultural-da-humanidade> Acesso setembro 2021.

CERTEAU, Michel: A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORREIO BRAZILIENSE. Brasília, patrimônio cultura da humanidade. Em, 8 de dezembro de 1987, p.01. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Carnaval, 04/03/1965, 2º caderno – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Chuva não veem sendo empecilho para crianças visitarem o Zoo, 01/12/1964, p. 5 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILENSE, Criança morre quando tomava banho no poço, 06/01/1967, p.14 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Crianças pedem locais para brincar a Wadjó, 28/07/1967, p.8 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILENSE, Flamengo está embalado: W. Xavier: “Flu tem mais time” Vocação para campeão, 12/12/1963, P. 6 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Lâminas de barbear para ferir crianças,06/07/1965, p. 8 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Meninos enfrentam as valas com os “skates”, 16/04/1876, p. 1 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Nas Superquadras, 22/03/1966, p, 4 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Os brinquedos na vida infantil ,10/07/1965, p. 3 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRASILIENSE, Presente de Brasília, 03/04/1970, p. 1 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORRERIO BRAZILIENSE, Visto, lido e ouvido, 07/08/1960, p. 2 – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORREIO BRAZILIENSE, Visto, Lido e Ouvido, 19/07/1970, p. 9ª – Hemeroteca Digital Nacional. (HDB-BN).

CORSARO, William. A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Cultura*: Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002.

DF. Currículo em Movimento do Distrito Federal – Educação Infantil. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, GDF, 2ª Edição, Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.educacao.df.gov.br/wp->

[conteudo/uploads/2018/02/Curri%CC%81culo-em-Movimento-Ed Infantil_19dez18.pdf](#) Acesso out. 2021.

DIAS, Natália. *O brincar das crianças e sua apropriação dos espaços públicos*. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, 21 maio 2019. Disponível em: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/handle/tede/1365>. Acesso em: 15 set. 2021.

DISTRITO FEDERAL (Brasil). Secretaria de Estado de Educação. 40 anos de educação em Brasília/Secretaria de Estado de Educação. Brasília: Subsecretária de Planejamento e de Inspeção de Ensino. 2001. 147p. ilustr.

FARIAS, Rhaisa; MÜLLER, Fernanda. A Cidade como Espaço da Infância. *OUTROS TEMAS*, mar. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/6FSDtKhCPWkPPMdQzwGzSHn/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.

FERNANDES, F. As Trocinhas do Bom Retiro. *Pro-Posições*, Campinas, SP, v. 15, n. 1, p. 229–250, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643855>. Acesso em: 11 ago. 2021.

FORTUNA, Tania R. A importância de brincar na infância. In: HORN, C. I. et al. *Pedagogia do brincar*. Porto Alegre: Mediação, 2014.

GARCIA, Maria Inês W.; SOUZA, Marilza Terezinha S. de. A relação família-escola. *Interação - Revista De Ensino, Pesquisa e Extensão*, 22(1), 72 – 86, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unis.edu.br/index.php/interacao/article/view/323> Acesso setembro 2021.

GHIGGI, Gioconda. Educação Infantil: o currículo, as relações, o ambiente e o brincar. Resenhas – *Caderno de Pesquisa*, 49, 9 dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/whmhKxXsNz4QQq55KvhwLHN/?lang=pt>. Acesso em: 08 out. 2021.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JÚNIOR, Wenceslao Machado de Oliveira. A infância da cidade. O que podem imagens feitas por crianças pequenas para pensar a cidade? *Caderno de Pesquisa em Educação – PPGE/UFES*, Vitória, ES, a.16, v.21, n.49, p.04-21, Jan/Jun 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/index.php/educacao/article/view/26098> Acesso out. 2021.

JURDI, Andrea; SILVA, Carla; LIBERMAN, Flavia. Inventários das brincadeiras e do brincar: ativando uma memória dos afetos. *Espaço Aberto*, 1 fev. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/icse/2018.v22n65/603-608/>. Acesso em: 2 set. 2021.

KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

LOPES, Jader J.; VASCONCELLOS, Tânia. Geografia da infância: Territorialidades Infantis. *Biblat*, jun. 2006. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2006/vol6/no1/8.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

LOPES, Jader J. M.; FERNANDES, Maria Lídia B. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. *Educação*, v. 41, n. 2, p. 202-211, 17 set. 2018.

LAZZAROTTO, Gislei D. R.; NASCIMENTO, Maria Livia do. Infância e Cidade: inventar espaços e modos de viver. *Fractal: Revista de Psicologia*, UFF, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 257-265, maio-ago. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/4P3vcFC97KPXV4YcwzVxDqJ/?lang=pt> Acesso out. 2021.

MORO, Catarina; SOUZA, Gizele. Para uma análise pedagógica dos contextos educativos - uma entrevista com Anna Bondioli, Monica Ferrari e Donatella Savio da Universidade de Pavia/Itália. *Biblioteca Digital de Periódicos pela UFPR*, jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/kVLpNGHPM7P3FqW75L6fVmz/?lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2021.

MÜLLER, Fernanda. Infância e Cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças. *Educação & Realidade*, abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16161>. Acesso em: 26 out. 2021.

MÜLLER, Fernanda; MONASTERIO, Leonardo; DUTRA, Cristian. “Por que tão longe?”. Mobilidade de crianças e estrutura urbana no Distrito Federal. Artigos complementares – *Caderno Metrôpoles* 20, 18 abr. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/5T7RrCWptJhGrZfnrnppFMp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.

MÜLLER, Fernanda; NUNES, Brasilmar. Infância e cidade: um campo de estudo em desenvolvimento. *Educação Social* 35, 24 set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/VyYrQTKPWyzjbGScvnwydVb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2021.

OLIVEIRA, Cynthia B. E. de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de Psicologia I Campinas* 27(1) | 99-108 | janeiro - março 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/CM3Hj6VLtm7ZMxD33pRyhkn/?lang=pt#:~:text=A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre%20fam%C3%ADlia%20e,ao%20aprendizado%2C%20desenvolvimento%20e%20sucesso> Acesso setembro 2021.

PEREIRA, Marcos V.. Estetização, escola e sensibilização moral. In: MEIRA, Mirela Ribeiro; SILVA, Úrsula Rosa da (orgs.). *Ensino de arte: cultura visual, escola e cotidiano*. Pelotas: Universitária, 2012, p. 37-48.

PINTO, Manuel. A infância como construção social. In: As crianças: contextos e identidades. SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel (Coord.). Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, 1997.

PINTO, Paula; BICHARA, Ilka. O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam. *Interação e Psicologia*, Revistas UFPR, 7mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/47242/32910>. Acesso em: 13 out. 2021

RAGAZZINI, Dário. Para quem e o que testemunha as fontes da História da Educação? *Educar*, Curitiba, n.18, p.13-28. 2001.

RIBEIRO, Mária. *A mudança da capital em debate nos artigos da revista brasileira de geografia e do boletim geográfico*. Repositório Institucional – Universidade Federal de Uberlândia, 21 out. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17953/1/MudancaCapitalDebate.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.

RIBEIRO, Raiana. Francesco Tonucci: a criança como paradigma de uma cidade para todos. Entrevista realizado com TONUCCI, Francesco. In: *Educação e Território*, 21 de setembro de 2016, s/p. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/reportagens/francesco-tonucci-a-crianca-como-paradigma-de-uma-cidade-para-todos/> Acesso dez. 2021.

ROCHA, E.A.C. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In CRUZ, S, H, V. (Org.). *A criança fala: a escuta de criança em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008, p. 79-101.

SOJA, Edward W. The Socio-Spatial Dialectic. In: *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 70, No. 2 (Jun., 1980), pp. 207-225 (19 pages) Published By: Taylor & Francis, Ltd. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2562950> Acessado julho 2021.

SOUZA, Gizele de. A educação das crianças pequenas: a busca pela emancipação. In: SOUZA, Gizele de (org.) *A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância*. São Paulo: Cortez, 2007. p. 73-84.

SARMENTO, Manuel. Infância e cidade: restrições e possibilidades. *Educação* (Porto Alegre), v. 41, n. 2, p. 232-240, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/31317> Acesso out. 2021.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: *As crianças: contextos e identidades*. SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel (Coord.). Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, 1997.

TOMÁS, Catarina e Soares; FERNANDES, Natália Fernandes. Infância, Protagonismo e Cidadania: contributos para uma análise sociológica da cidadania da infância. *Fórum Sociológico*, n. 011/12: 349-361, 2004.

TONUCCI, Francesco. Studiare il cambiamento. Prefazione. In: *Uma città con i bambini – Progetti ed esperienze del Laboratorio di Fano*. A cura di Claudio Baraldi e Guido Maggioni. LIA (Laboratorio Infanzia e Adolescenza Urbino), Donzelli Editore, Roma, 2000.

WAJSKOP, Gisela. *Brincar na Educação Infantil: uma história que se repete*. 9ª edição. São Paulo: Cortez, 2012.